



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA

JONATHA RODRIGO DE OLIVEIRA LIRA

**ESTUDO DA MIGRAÇÃO INTERNACIONAL NA AMAZÔNIA BRASILEIRA
A PARTIR DA ANÁLISE DOS DADOS DE ESPACIALIDADE E
SELETIVIDADE DOS CENSOS DE 2000 E 2010**

BELÉM
2012

JONATHA RODRIGO DE OLIVEIRA LIRA

**ESTUDO DA MIGRAÇÃO INTERNACIONAL NA AMAZÔNIA BRASILEIRA A
PARTIR DA ANÁLISE DOS DADOS DE ESPACIALIDADE E SELETIVIDADE DOS
CENSOS DE 2000 E 2010**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal do Pará como pré-requisito para obtenção do título de Mestre em Geografia.

Área de concentração: Gestão dos Recursos Naturais e Meio Ambiente.

Orientador: Prof. Dr. Carlos Alexandre Leão Bordalo

BELÉM
2012

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)
Biblioteca Central/UFPA, Belém-PA

Lira, Jonatha Rodrigo de Oliveira, 1986-

Estudo da migração internacional na Amazônia Brasileira a partir da análise dos dados de espacialidade e seletividade dos censos de 2000 e 2010 / Jonatha Rodrigo de Oliveira Lira. — 2012

Orientador: Carlos Alexandre Leão Bordalo

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Pará, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Geografia, Belém, 2012.

1. Migração – Amazônia. 2. Amazônia – População - Estatística.
I.Título.

CDD - 22. ed. 304.8811

JONATHA RODRIGO DE OLIVEIRA LIRA

ESTUDO DA MIGRAÇÃO INTERNACIONAL NA AMAZÔNIA BRASILEIRA A
PARTIR DA ANÁLISE DOS DADOS DE ESPACIALIDADE E SELETIVIDADE DOS
CENSOS DE 2000 E 2010

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal do Pará como pré-requisito para obtenção do título de Mestre em Geografia.

Área de concentração: Gestão dos Recursos Naturais e Meio Ambiente.

Orientador: Prof. Dr. Carlos Alexandre Leão Bordalo.

Defendido e aprovado em: ____/____/____

Conceito: _____

Banca examinadora:

Prof. Dr. Carlos Alexandre Leão Bordalo
Orientador, PPGeo/UFPA

Prof^a. Dr^a. Márcia Aparecida da Silva Pimentel
Examinadora interna, PPGeo/UFPA

Prof. Dr. Mário Miguel Amin Garcia Herreros
Examinadora externo, UNAMA

*Aos meus pais, à minha
companheira Roberta e à nossa
filha, Maria Cecília.*

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar agradeço a Deus, pois ele me deu forças para concluir este trabalho.

Agradeço também aos meus pais, José Ribamar e Zelma, que são a base de toda a minha formação e também por acreditarem em minha capacidade intelectual me dando todo o apoio possível para que eu prosseguisse na vida acadêmica.

À minha companheira Roberta que me presenteou com a vinda de nossa filhinha Maria Cecília, neste ano de 2012.

Ao Programa de Pós-Graduação em Geografia (PPGEO) pela oportunidade de elaboração deste trabalho em especial a secretária Marlene sempre muito prestativa.

Ao CNPq pela concessão da bolsa de pesquisa durante a produção desta dissertação.

À turma 2010 do PPGEO que durante as aulas instigaram muitas questões que me ajudaram a concluir este trabalho.

Aos meus professores Luís Aragon e Carlos Bordalo pela confiança e paciência que tiveram comigo durante a construção deste trabalho mesmo com todas as dificuldades que se apresentaram.

Ao professor Alberto Jakob (UNICAMP) que diante das minhas limitações técnicas não mediu esforços em me auxiliar com partes dos dados desta pesquisa.

À banca examinadora deste trabalho, profissionais altamente qualificados que me possibilitaram orientações relevantes acerca da minha dissertação.

Solo voy con mi pena, sola va mi condena/Correr es mi destino para burlar la ley/Perdido en el corazon de la grande Babylon/me dicen el clandestino por no llevar papel/Pa una ciudad del norte yo me fui a trabajar/Mi vida la deje entre Ceuta y Gibraltar/Soy una raya en el mar, fantasma en la ciudad/mi vida va prohibida dice la autoridad/Solo voy con mi pena, sola va mi condena/correr es mi destino por no llevar papel/Perdido en el corazon de la grande Babylon/Me dicen el clandestino, yo soy el quiebra ley/Mano negra clandestino/Peruano clandestino/Africano clandestino/Marijuana ilegal.

“Clandestino”, Adriana Calcanhoto

RESUMO

A migração internacional tornou-se um tema de grande importância no cenário mundial tanto para os países de destino quanto para os países de origem. Na Amazônia ainda existe certa falta de interesse com a questão. No entanto, já existem alguns trabalhos específicos de cada país amazônico sobre o assunto. Porém as informações tratam estudos de caso sem levar em consideração a análise de toda a região. Isto se dá entre outros motivos pela falta de um banco de dados sobre migrações para a Amazônia. Entretanto os censos demográficos tornam-se importantes instrumentos de análise. Com base nos censos demográficos brasileiros de 2000 e 2010 que se busca questionar a dinâmica migratória recente para a Amazônia brasileira a fim de dar prosseguimento a uma série de discussões sobre as mudanças de origem, a distribuição espacial e o perfil desse novo migrante. Em um primeiro momento cria-se uma breve revisão teórica sobre a migração internacional, posteriormente discute-se a história da migração internacional na Amazônia brasileira e logo após analisam-se os dados dos dois últimos censos demográficos brasileiros sobre a migração internacional. Num segundo momento analisa-se a distribuição espacial da migração de brasileiros retornados a Amazônia brasileira com intuito de fazer uma comparação entre os municípios que evidenciam essa dinâmica tanto para estrangeiros quanto para brasileiros. Essa espacialização retrata o processo histórico de ocupação e urbanização da Amazônia e também a porosidade da fronteira. Assim como o perfil migratório dá indícios de ser resultante do crescimento econômico da exploração de recursos naturais na Amazônia. Contudo, diante da complexidade do tema migração, é necessário integrar conhecimentos para a análise do processo migratório que ultrapassem os limites dos paradigmas clássicos.

Palavras-chave: Migração Internacional. Censo Demográfico Brasileiro. Amazônia Brasileira.

ABSTRACT

International migration has become a topic of great importance on the world stage for both destination countries and for countries of origin. In the Amazon there is still some lack of interest in the issue. However, there are some specific jobs for each Amazon country on the subject. But the information dealing case studies without taking into account the analysis of the entire region. This happens among other reasons for the lack of a database on migration to Amazon. However demographic censuses become important analytical tools. Based on the Brazilian censuses of 2000 and 2010 that seeks to question the recent migratory dynamics in the Brazilian Amazon in order to proceed to a series of discussions on the changes of origin, spatial distribution and profile of new migrants. At first it creates a brief literature review on international migration, then discusses the history of international migration in the Brazilian Amazon, and after analyzing the data of the last two censuses Brazilians on international migration Secondly analyzes is the spatial distribution of migration of Brazilians returned the Brazilian Amazon aiming to make a comparison between the municipalities show this dynamic for both foreigners and for Brazilians. This spatialization portrays the historical process of urbanization and occupation of the Amazon and also the porosity of the border. As the migration profile shows signs of being a result of the economic growth of the exploitation of natural resources in the Amazon. However, given the complexity of the migration issue, it is necessary to integrate knowledge for the analysis of migration beyond the limits of classical paradigms.

Keywords: International Migration. Brazilian Census. Brazilian Amazon.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Lista de Mapas

Mapa 01. Municípios de Residência de Migrantes Amazônicos na Amazônia Brasileira, 2000.	51
Mapa 02. Municípios de Residência de Retornados Brasileiros na Amazônia Brasileira, 2000.	59

Lista de Tabelas

Tabela 1: Migração acumulada, 2000.	33
Tabela 2: Migração acumulada, 2010.	35
Tabela 3: Migração dos últimos 10 anos, 2010.	36
Tabela 4: País de Última residência, 2000.	38
Tabela 5: País de Última residência, 2010.	40
Tabela 6: País de residência em 1995, 2000.	41
Tabela 7: País de residência em 2005, 2010.	42
Tabela 8: UF de residência anterior, 2000.	43
Tabela 9: UF de residência em 1995, 2000.	44
Tabela 10: UF de residência anterior, 2010.	45
Tabela 11: UF de residência em 2005, 2010.	46
Tabela 12: Migrantes Amazônicos residentes em áreas Urbanas e Rurais, 2000.	52
Tabela 13: Grupo de idade, 2000.	53
Tabela 14: Migrantes Amazônicos por sexo.	54
Tabela 15: Migrantes Amazônicos por escolaridade, 2000.	55
Tabela 16: Migrantes Amazônicos por renda, 2000.	56

Lista de Figuras

Gráfico 01. País de Residência Anterior de Migrantes Brasileiros, 2000.	58
---	----

Lista de Quadros

Quadro 01. Perfil resumido dos migrantes amazônicos, 2000.	57
--	----

LISTA DE SIGLAS E ABREVIações

CELADE –	Centro Latino-Americano de Demografia
CEPAL –	Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe
IBGE –	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IFCH –	Instituto de Filosofia e Ciências Humanas
MAPAZ –	Meio Ambiente, População e Desenvolvimento na Amazônia
NAEA –	Núcleo de Altos Estudos Amazônicos
NEPO –	Núcleo de Estudos Populacionais
PNAD –	Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio
PPGEO	Programa de Pós-Graduação em Geografia
REDATAM+SP –	Recuperação de Dados para Áreas pequenas por Microcomputador (Sergé Poulard)
SIG –	Sistema de Informação Geográfica
SUDAM	Superintendência de Desenvolvimento da Amazônia
UF –	Unidade da Federação
UFPA –	Universidade Federal do Pará
UNESCO –	Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	12
1.1 O PROBLEMA	12
1.2 OBJETIVOS	12
1.3 HIPÓTESE	13
1.4 JUSTIFICATIVA	13
1.5 METODOLOGIA	14
1.6 LIMITAÇÕES DA PESQUISA	15
2. REVISÃO TEÓRICA	16
3. UMA BREVE HISTÓRIA DA MIGRAÇÃO INTERNACIONAL NA AMAZÔNIA BRASILEIRA	24
4. ORIGEM DOS MIGRANTES INTERNACIONAIS NA AMAZÔNIA BRASILEIRA SEGUNDO OS CENSOS DE 2000 E 2010	32
4.1 PAÍS DE NASCIMENTO	32
4.2 PAÍS DE ÚLTIMA RESIDÊNCIA	38
4.3 PAÍS DE RESIDÊNCIA 5 ANOS ANTES DO CENSO	40
4.4 DINÂMICA MIGRATÓRIA POR UNIDADE DE FEDERAÇÃO	43
5. ANÁLISE DOS DADOS DE ESPACIALIDADE E SELETIVIDADE DOS CENSOS DE 2000 E 2010 PARA A AMAZÔNIA BRASILEIRA	48
5.1 ESPACIALIZAÇÃO DOS MIGRANTES INTERNACIONAIS NA AMAZÔNIA BRASILEIRA PROCEDENTES DOS PAÍSES AMAZÔNICOS SEGUNDO O CENSO DE 2000	48
5.1.1 Municípios	51
5.1.2 Rural e urbano	51
5.2. SELETIVIDADE MIGRATÓRIA SEGUNDO O CENSO DE 2000 e 2010	52
5.2.1 Idade	53
5.2.2 Sexo	54
5.2.3 Escolaridade	55
5.2.4 Renda	56
5.3. MIGRAÇÃO DE RETORNO SEGUNDO O CENSO DE 2000	57
6. CONCLUSÕES E PERSPECTIVAS DE NOVAS PESQUISAS	61
REFERÊNCIAS	64
ANEXOS	

1 INTRODUÇÃO¹

1.1 O PROBLEMA

O interesse em dissertar sobre a migração internacional na Amazônia brasileira surgiu da necessidade de concluir questões sugeridas na monografia de conclusão de curso intitulada “A espacialização da migração internacional na Amazônia brasileira” a qual se limitou ao mapeamento em nível municipal dos migrantes estrangeiros nascidos em países amazônicos (Bolívia, Colômbia, Equador, Guiana, Peru, Suriname e Venezuela) e na Guiana Francesa residentes na Amazônia brasileira por data fixa (1995) sendo sugerida a continuidade do trabalho a partir da análise dos perfis demográficos destes migrantes.

A partir dos aspectos demográficos, econômicos, culturais e políticos, puderam-se identificar alguns dos motivos e explicar em que condições ocorreram estes fluxos. No entanto, esta resposta não supriu por completo as questões sugeridas ainda na monografia, pois para um melhor entendimento do processo migratório internacional na Amazônia brasileira deveria levar em consideração outras questões como a migração de retorno² e casos específicos da cada Unidade da Federação (UF).

Diante destes argumentos foi feita a seguinte pergunta: Como entender a migração internacional na Amazônia brasileira a partir de dados de seletividade e espacialidade dos migrantes?

1.2 OBJETIVOS

Geral

- Estudar a migração internacional recente para Amazônia brasileira a partir da análise das características sócio-demográficas dos migrantes.

¹ Esta pesquisa foi inicialmente supervisionada pelo Prof. Dr. Luís Aragón até fevereiro/2011 quando o mesmo teve que se ausentar de suas atividades no Brasil para assumir a coordenação de uma Cátedra/UNESCO na Universidade de Coimbra/Portugal resultante do prêmio Milton Santos indicando o Prof. Dr. Carlos Alexandre Leão Bordalo para dar prosseguimento às supervisões desta produção.

² Neste estudo entendemos como migrantes de retorno aquelas pessoas que em 2000 residiam nas unidades da federação da Amazônia Legal, que nasceram neste estado de residência e que em algum momento de suas vidas saíram de seus estados de nascimento e retornaram, seja do exterior (retorno internacional), ou de outras unidades da federação (retorno nacional).

Específicos

- a) Apresentar as diversas controvérsias sobre as abordagens que explicam a migração;
- b) Contextualizar a dinâmica migratória recente (2000 e 2010);
- c) Discutir a origem dos migrantes no período atual;
- d) Identificar os locais de destinos dos migrantes na Amazônia brasileira.
- e) Construir e analisar as características sócio-demográficas dos migrantes
- f) Interpretar a relação entre a migração de retorno internacional com a migração de estrangeiros.

1.3 HIPÓTESE

A migração internacional para a Amazônia brasileira segue a tendência nacional, na qual a migração atual por bloco se torna mais volumosa, isto significa o encurtamento das distâncias e a atração de estrangeiros residentes em países vizinhos.

Na Amazônia brasileira, o maior fluxo migratório tende a ser dos países vizinhos os quais compõem a Pan-Amazônia. Este fluxo ainda pode estar atrelado ao crescimento econômico do país como todo, tornando-se um fator atrativo na busca de emprego e renda.

1.4 JUSTIFICATIVA

O tema migração internacional repercute na mídia mundial e em todo o meio acadêmico como uma das questões mais importantes a serem tratadas no século 21, no entanto pouco se tem discutido sobre a migração internacional na Pan-Amazônia limitada pela falta de dados para esses estudos e também por sua dimensão continental e transnacional, dentre outros fatores.

É devido a essas questões que os censos são considerados uma importante fonte de dados ainda pouco exploradas para estudar a migração internacional seja a partir de estudos holísticos da Pan-Amazônia ou estudos sobre cada país amazônico.

1.5 METODOLOGIA

Primeiramente foi realizado um levantamento bibliográfico de caráter teórico e também exploratório acerca da migração internacional na Amazônia brasileira incluindo a espacialização dos migrantes estrangeiros e de retornados internacionais e também a construção dos perfis dos migrantes estrangeiros para a Amazônia brasileira.

Com o uso dos dados censitários do Censo Demográfico de 2000, com alguns resultados já disponibilizados do Censo de 2010. Este levantamento foi importante para refinar as fontes bibliográficas correlacionando às informações assim como para verificar a viabilidade do trabalho.

Foram utilizados programas de computador para manipular, tabular e espacializar as informações censitárias como o REDATAM³, o EXCEL e o ARCGIS acrescentando novidades à literatura existente sobre Migração Internacional na Amazônia brasileira.

Com uso do banco de dados da amostra censitária do Censo Demográfico brasileiro de 2000 e com os primeiros resultados do Censo 2010 pode-se inferir alguns questionamentos presentes no que concerne aos padrões migratórios na Amazônia brasileira onde se podem identificar grupos sociais vale ressaltar que os dados do último censo ainda não foram totalmente disponibilizados pelo IBGE⁴ na base de dados Redatam.

O maior desafio deste trabalho foi avançar no discurso paradigmático, no entanto seu resultado permitirá que as autoridades repensem o caminho que suas ações tomam com base nas tendências aqui demonstradas tendo como subsídio para análise e implementação de políticas públicas a composição sócio-demográfica da migração internacional recente na Amazônia brasileira.

³ Software produzido pelo CELADE (Centro Latino-Americano de Demografia) como o programa que mais possibilita a decodificação/tabulação destes dados segundo o IBGE.

⁴ Segundo o calendário do IBGE a divulgação dos microdados da amostra do Censo 2010 no formato Redatam está prevista para o segundo semestre de 2012.

1.6 LIMITAÇÕES DA PESQUISA

A proposta inicial submetida ao Programa de Pós-Graduação em Geografia consistia em elaborar um diagnóstico completo sobre a natureza das migrações internacionais para a Amazônia brasileira fazendo uso dos censos de 2000 e 2010, suas especificidades e comparações.

Tratava-se não apenas de produzir o mapeamento em nível municipal nas duas situações como também correlacionar a origem dos migrantes em cada período e interpretar a seletividade migratória a partir de aspectos constituintes do perfil demográfico dos migrantes (idade, sexo, escolaridade e renda) de modo a estabelecer localidades passíveis de averiguações empíricas de questões formuladas com base na análise dos censos.

O trabalho de campo considerado essencial para o trabalho ainda chegou a ser formulado e apresentado na banca de qualificação com a proposta de estudar a dinâmica migratória na mesorregião do baixo Amazonas do estado do Pará com ênfase no município de Juruti, tudo isto fundamentado no censo de 2000 visto que o censo 2010 ainda não havia sido disponibilizado.

Logo em seguida à qualificação, foi feito um pré-campo, no entanto tal procedimento foi comprometido pela falta dos dados do censo 2010 que já apresentavam outra realidade para o local (a migração havia dispersado). O problema não foi acerca da pontualidade ao cronograma de publicação dos resultados do censo 2010 que por sinal se manteve, mas a falta de explicações quanto ao formato de dados publicados, pois para tal análise seria necessária uma base de dados no formato *Redatam* o que somente será disponibilizado no final do ano corrente e esta informação não consta no cronograma oficial.

Em virtude disso e a fim de equacionar tais problemas foi feita uma consulta ao grupo NEPO/UNICAMP (Núcleo de Estudos de População da Universidade Estadual de Campinas) do qual o Professor Doutor Alberto Jakob cedeu gentilmente alguns dados por ele já formatados em outros programas estatísticos.

No entanto, a abordagem proposta na qualificação foi parcialmente alterada no que compromete os objetivos do trabalho para não comprometer o resultado final da dissertação esvaindo-se do trabalho empírico.

2 REVISÃO TEÓRICA

A migração é um fenômeno social. O ato de migrar está registrado em muitos momentos da história humana. A migração tende a assumir feições próprias, pois estabelece um efetivo papel no processo de mudança e de conformação de uma estrutura social: “A decisão de migrar, que implica trocar o ambiente familiar e social por uma situação muitas vezes desconhecida [...] traduz a insatisfação do indivíduo com sua situação na região de origem [...]” (CASTIGLIONI, 2009, p. 39).

Sendo a migração um processo complexo, seu estudo se torna relevante para a compreensão dos seus determinantes, dos seus efeitos assim como de toda a dinâmica migratória. Muitas vezes a migração é confundida com a mobilidade espacial da população como os movimentos de ida ao trabalho, de um passeio entre outros, no entanto existem diferenças entre esses dois termos.

A migração não se explica apenas pela sua mobilidade física, pois possui várias dimensões e perspectivas de análise, seja de caráter econômico, social, ambiental, político etc. Dessa forma, diferenciaríamos, por exemplo, a migração laboral de outras formas de migração como os refugiados ambientais.

Vale ressaltar que a mobilidade espacial da população é em muitos casos utilizada como parâmetro de compreensão e interpretação da realidade, o que pressupõe e embasa a construção de muitas teorizações migratórias por uma grande heterogeneidade de enfoques.

Vários autores já dissertaram sobre parâmetros de diferenciações entre processos migratórios identificando características distintas para denominar diversas tipologias analisadas ao longo dos séculos 20 e 21.

Esta situação contribui para se discutir sobre a construção de uma teoria geral da migração proposta ainda no século 19 por Ravenstein em seu estudo sobre a Grã-Bretanha. No entanto, este autor já chamava a atenção quando dizia que “[...] as leis da população, e as leis econômicas não têm, em geral, o rigor das leis físicas [...]” (1885, p. 241) e, portanto consistiriam em postulações relativizadas.

Visto que o intuito desta pesquisa era postular leis sobre a migração, o autor apresenta sete leis que, segundo ele, explicam em grande parte esse

fenômeno, porém Ravenstein deixa claro que a procura de mão-de-obra nos centros industriais e comerciais é a causa primeira das correntes migratórias.

De início, o autor ressalta que grande parte do fluxo migratório se desloca a curtas distâncias e em seguida indica que o processo de absorção e o processo de dispersão apresentam características semelhantes devido às forças de atração e de dispersão presentes nos meios urbano e rural, por causa do grande crescimento das cidades. Em um quarto momento ele ressalta que cada corrente migratória sempre possui outra corrente compensatória e, depois indica que as migrações a longas distâncias se dirigem preferencialmente para grandes centros comerciais ou industriais. Outro aspecto diz respeito aos naturais das áreas rurais do país que costumam migrar mais que os naturais das áreas urbanas e por fim o autor relata que as mulheres migram mais do que os homens.

A partir do trabalho precursor de Ravenstein, outros autores se inspiraram a concluir a pesquisa de seu antecessor construindo modelos preditivos e de atração-repulsão. No primeiro caso Castiglioni (2009, p. 42) diz que:

Os modelos matemáticos, estatísticos e gravitacionais ou de interação espacial abordam as relações existentes entre a migração e um número reduzido de variáveis diretamente mensuráveis, relativas ao espaço geográfico (distância, população, superfície).

Esses modelos se assemelham tão somente pela frequente utilização das ciências físicas tratando o movimento migratório com equações matemáticas que segundo estes possibilitam a descrição do fenômeno e suas variações no tempo e no espaço (CASTIGLIONI, 2009).

Além das ciências físicas, outros ramos também deram sua contribuição para a explicação do processo migratório como as ciências econômicas nas quais o ator principal do processo migratório é o indivíduo a partir da sua escolha racional para maximizar o lucro. Destaca-se o trabalho de Everett Lee que adicionou ao trabalho de Ravenstein, dentre outras questões, a seletividade migratória (fatores pessoais).

Na busca pela teoria geral das migrações, inúmeros trabalhos já foram publicados, porém a diversidade dos conteúdos trabalhados só demonstra a enorme abrangência do tema.

Essa grande heterogeneidade de enfoques constitui um dos fatores que dificulta a apreensão e explicação da migração assim como a própria definição; a obtenção de dados etc.

Salim (1992) apresenta três classificações:

- Os Modelos Neoclássicos Contemporâneos preocupados com a economia do espaço e a gestão capitalista da mão-de-obra onde os movimentos populacionais correspondem à mobilidade geográfica dos trabalhadores;
- A Perspectiva Histórico-estrutural vinculada ao marxismo, portanto enraizada na tradição do materialismo histórico que entende a migração como um fenômeno social onde a unidade é definida por uma classe social e não por escolhas individuais e;
- A Mobilidade da Força de Trabalho que seria uma “reinvenção” da análise migratória aos moldes dos economistas clássicos no que diz respeito ao processo geral de acumulação capitalista situando-se de forma pendular e contraditória entre o crescimento da riqueza e a expansão do excedente populacional relativo, abrangendo mais perspectivas da análise histórico-estrutural.

No entanto, para este autor o maior problema dos estudos migratórios consiste em estabelecer uma base empírica confiável às diversas modalidades do fenômeno da mobilidade no qual se encontram a teoria e o empírico, no entanto este “avanço empírico não pode ser tratado como mero suporte, mas sim estratégia inferencial de comprovação de hipóteses e enriquecimento do aporte teórico” (p. 139).

Tendo a literatura nos últimos tempos se concentrado nas múltiplas dimensões que a migração apresenta em seus casos específicos, a proposição de Ravenstein fica cada vez mais longe de se concretizar diante das dificuldades apresentadas para a sua construção sem tirar, no entanto o prestígio inerente a este autor como um dos precursores a tratar tal temática, mas os estudos atuais arrolam mais questionamentos a serem pautados no debate.

O processo de teorização da migração é caracterizado por uma grande heterogeneidades de enfoques, e nenhuma teoria completa foi ainda avaliada. A dificuldade de integrar os conhecimentos

acumulados é qualificada pelos autores como “impasse”, “paradoxo”, “crise” (SIMMONS, 1987; ZELINSKY, 1980). Para Simmons (1987), a teoria da migração não constitui um conjunto coerente de reflexões, as diferentes teorias para predições e interpretações da migração são, muitas vezes, discordantes, concorrentes ou divergentes (CASTIGLIONI, 2009, p. 39).

Não seria correto afirmar que uma teoria geral seria capaz de equacionar todas as questões pertinentes à migração em suas diferentes escalas, visto que este tema deve conter uma abordagem holística com contribuições dos mais diversos ramos científicos, como também da própria sociedade em geral visto a sua complexidade. Todavia, apesar das divergências entre as teorias, vale ressaltar as contribuições dadas ao estudo desse fenômeno.

A crescente importância das migrações internacionais no contexto da globalização tem sido objeto de um número expressivo de contribuições importantes, de caráter teórico e empírico, que atestam para sua diversidade, seus significados e suas implicações. Parte significativa desse arsenal de contribuições se volta a reflexão das grandes transformações econômicas, sociais, políticas, demográficas e culturais em andamento no âmbito internacional, especialmente a partir dos anos 1980. Como eixo de reflexão, situam-se as mudanças advindas do processo de reestruturação da produção, o que implica novas modalidades de mobilidade do capital e da população em diferentes partes do mundo (PATARRA, 2006. p. 7).

As tentativas de conceituar e/ou de classificar determinados tipos ou padrões migratórios apresentam limitações devido às inevitáveis ocorrências de situações híbridas, porém que representam uma teorização ainda que de forma preliminar e tendenciosa.

Todavia na atual etapa da globalização, questões paradigmáticas esquecidas no tempo ressurgem como algo inovador, mas que, no entanto, demonstram a necessidade de novas explicações para os fenômenos migratórios recentes.

Confirma Patarra (2006):

As novas modalidades migratórias demandam, no cenário da globalização, a necessidade de reavaliação dos paradigmas para o conhecimento e o entendimento das migrações internacionais no mundo, e a incorporação de novas dimensões explicativas torna-se imprescindível, assim como a própria definição do fenômeno migratório deve ser revisada (PATARRA, 2006. p. 7).

Diante da complexidade do tema migração, é necessário integrar conhecimentos para a análise do processo migratório que ultrapassem os

limites dos paradigmas clássicos do estudo das “Grandes migrações” do final do século XIX questionando também a migração considerada como resultante do processo de desenvolvimento do capitalismo abordada por Marx, Malthus e Weber (PATARRA, 2006).

Nesse sentido, Sayad (1998) afirma que a problemática verdadeira e apropriada à migração deveria se tornar o primeiro problema visto que se trata de um objeto que cria um problema, objeto esse social e politicamente sobredeterminado concernente a uma população social e politicamente dominada.

Ratifica Castiglioni (2009):

A migração é um processo complexo em suas características, mensuração, causas e efeitos. O estudo da migração é relevante não só para a compreensão dos seus determinantes políticos, sociais e econômicos, como também para o conhecimento dos efeitos que ocorrem em várias esferas [...] e, em termos da estrutura da sociedade, por seu caráter bilateral, a migração provoca modificações na distribuição, na dinâmica e na composição da população, interferindo na vida econômica, política e social das comunidades de partida e de chegada dos imigrantes. O estudo da migração representa um grande desafio, e somente pesquisas específicas permitem apreender esse componente em uma dimensão mais ampla (CASTIGLIONI, 2009, p. 39).

Estudar a migração é de fato um grande desafio pelos entraves que a situação-problema apresenta em todas as etapas da pesquisa científica. Já inicia tendenciosa quando uma pesquisa específica se enquadra como parte de alguma das diversas postulações sobre a temática, assim como no decorrer do trabalho com a escassez das fontes de dados.

Contudo, as fontes de dados sobre migração podem determinar fatores que contribuam para dificultar a sustentação teórica clássica como censos demográficos, *surveys*, entre eles as PNADs (Pesquisa Nacional por Amostra Demográfica), registros contínuos, levantamentos específicos e também fontes históricas que, ao tratar a migração enquanto fenômeno social atribui fatores demográficos, econômicos, sociais, políticos e ambientais explicando assim o fenômeno migratório. Mesmo assim estas explicações possuem limites quando tentam explicar os movimentos migratórios do mundo contemporâneo.

Para entender a impossibilidade de uma teoria geral sobre a migração explicar todos os processos migratórios, far-se-á referência ao estudo da

migração no Brasil e na Amazônia como casos específicos e particulares que, devido às complexidades, pode-se apenas afirmar tendências em vez de explicar por completo os fenômenos.

Por isso que ao se tratar de uma temática como a migração internacional, mesmo que em pequena escala, deve-se fazer uso também de uma abordagem macroscópica para indicar possíveis caminhos à pesquisa amostral para não reincidir em questões clássicas, retomando teorizações e formulações que já foram discutidas e refutadas por outros autores.

De uma outra perspectiva, só as abordagens de tipo macroscópico, debruçadas sobre processo ou situações de incidência coletiva, permitem detectar as tendências mais abrangentes, isolar e identificar causas primeiras e estabelecer correlações entre variáveis ou postular a sua independência relativa. É neste terreno de análise macroscópica da mobilidade de populações (típica, por exemplo, da Demografia, da Geografia Humana e da Ciência Política) que germinaram, ao longo do tempo, diversas teorias que visaram uma melhor compreensão ou explicação da ocorrência de fluxos migratórios e que soem ser designadas por Leis das Migrações (ROCHA-TRINDADE, 2007. p. 7).

As abordagens do tipo microscópicas, por outro lado, normalmente possuem resultados mais eficazes, no entanto utilizam como referência na maioria dos casos trabalhos de cunho macroscópico que buscam padronizar seus resultados dando indícios para pesquisas mais especializadas, portanto seria difícil priorizar algum tipo de abordagem tanto para a construção de teorias quanto para estudos empíricos.

Não existe, de facto, uma clivagem entre a necessidade de conceptualização, eventualmente conducente à teorização sobre os fenômenos migratórios, e as abordagens de raiz empírica, as quais, afinal, efectivamente se completam; noutra perspectiva, são obviamente complementares as abordagens macroscópicas e microscópicas. Todas as correspondentes metodologias contribuem, naturalmente, para estudar e compreender a crescente complexificação dos fenômenos migratórios (ROCHA-TRINDADE, 2007, p. 7).

Portanto, se entende que as migrações internacionais permitem analisar as mudanças estruturais no atual contexto da globalização.

Os movimentos de ida e vinda de indivíduos ou grupos de indivíduos podem ser explicados por diversos elementos no qual se evidencia um fator em

detrimento de outros (econômico, político, ambiental etc.) restringindo a explicação do fenômeno.

As migrações internacionais recentes têm nos instigado a repensar as categorias com as quais as migrações têm sido analisadas, demonstrando que estes processos de atravessar fronteiras devem contemplar múltiplos aspectos desse movimento (SAZAKI; ASSIS, 2000, p. 17).

Portanto, para compor o entendimento do processo migratório pretende-se elaborar um panorama histórico do Brasil e da Amazônia no contexto das grandes migrações internacionais do fim do século XIX e início do século XX para posteriormente entender as migrações internacionais no contexto da globalização contemporânea com base nos dados censitários.

Quando pensamos em Amazônia imaginamos a floresta como o elemento que representaria a região por excelência, isso leva a pensar num espaço desprovido de sociedade e que os problemas ambientais se sobrepõem aos demais. No entanto, ao pensarmos na floresta, pensamos na natureza e nela a sociedade surge como mais um componente essencial de sua constituição. Portanto, falar de problemas sociais como pertinente às questões ambientais requer que o componente demográfico seja inserido nas análises. (STEINBRENNER, 2009)

No entanto, propor que a Amazônia brasileira seja a forma de regionalização que mais identifica a parte setentrional do território brasileiro dificulta a interpretação dos fenômenos migratórios existentes nessa região pelas inúmeras definições que a região recebera: Amazônia, Amazônia Sul-Americana, Região Amazônica, Pan-Amazônia e também a Região Norte visto que não se referem a espaços diferentes e sim a espaços sobrepostos os quais em termos de limite territorial não coincidem.

Vale ressaltar que de certa forma optar em analisar a Amazônia em vez da região Norte implica em solucionar questões mais complexas, mas também em ampliar os horizontes a respeito dos problemas mais frequentes que a região enfrenta em torno da pobreza e da exclusão social como a ilegalidade, a biopirataria e o narcotráfico. E também reforça os estudos das dinâmicas migratórias internacionais como instrumento de auxílio ao planejamento e gestão do território nacional.

Segundo Becker (2005), a Amazônia brasileira é um dos mais extensos e pouco povoados territórios do planeta sua ocupação se fez em surtos devassadores desencadeados pela valorização momentânea de produtos no mercado externo em que é o Estado brasileiro que toma a si o comando de um novo ciclo de povoamento regional.

O crescimento urbano da Amazônia brasileira se distinguiu das outras regiões do país sendo a maior do país nas últimas décadas – reflexo do aparecimento de novas cidades e pela alteração no tamanho das já existentes, porém deve se considerar também a inserção dos valores da vida urbana na população rural (BECKER, 2005).

Esta situação sofreu profundas alterações que constituíram padrões de urbanização diferenciados com inserções precárias de uma massa de imigrantes no mercado de trabalho assim como a ausência de infraestrutura e serviços nas cidades o que é comum em grande parte do Brasil (BECKER, 2005).

As migrações internacionais para a Amazônia brasileira têm atraído olhares de muitos pesquisadores principalmente a partir da década de 1980. Contudo, o entendimento sobre a migração internacional recente na maioria dos trabalhos decorre de processos macroestruturais de reestruturação produtiva e do contexto internacional da atual etapa da globalização (PATARRA, 2006).

3 UMA BREVE HISTÓRIA DA MIGRAÇÃO INTERNACIONAL NA AMAZÔNIA BRASILEIRA

Para entender a dinâmica migratória internacional recente da Amazônia brasileira é necessário rever o contexto histórico das migrações internacionais para a região.

Algo que se inicia ainda no período colonial (século XVI) onde a chegada dos portugueses à Amazônia brasileira representava a apropriação dos europeus sobre as terras brasileiras acompanhada pela migração forçada de escravos africanos que perdurou por três séculos (século XVII ao XIV).

No entanto, com a abolição da escravidão houve uma intensificação da migração de europeus devido a ideologia eugenista⁵ da época que visava resolver os problemas de povoamento e de carência de mão de obra no Brasil e, por conseguinte na Amazônia com imigrantes procedentes de Portugal, Espanha, Itália, Alemanha e Japão. Contudo, este padrão migratório começa a se alterar a partir de meados do século XX com o aumento da migração proveniente de países sul-americanos (EMMI, 2009).

Segundo Do Carmo e Jakob (2009), a migração entre os países da América do Sul tende a aumentar devido à situação econômica de alguns países terem apresentado melhorias como o Brasil e a Argentina, porém na situação específica da Amazônia brasileira os fluxos migratórios tendem a ser mais significativos.

Considerando a situação específica da Amazônia, além dos deslocamentos de curta distância nas áreas de fronteira internacional, observou-se a chegada de estrangeiros em várias partes do território. Nos próximos anos, com os investimentos que estão sendo realizados no desenvolvimento das malhas de transporte, aumentam as possibilidades desses fluxos virem a serem mais significativos (DO CARMO; JAKOB, 2009, p. 206).

Esses autores ainda reiteram que:

Segundo Pellegrino (2003), a migração internacional é um aspecto essencial da história da América Latina. Segundo a autora, nos

⁵ Privilegiar a população branca em políticas migratórias, com a transferência de demandas para resolver problemas de povoamento e carência de mão-de-obra, por fatores ideológicos de “embranquecimento da população” (EMMI, 2009).

quinhentos anos transcorridos desde a ocupação dos territórios americanos pelos reinos europeus é possível identificar quatro grandes etapas no processo migratório. A primeira etapa se inicia com a conquista do território americano, realizada pelos europeus, e termina com a independência das nações americanas, sendo caracterizada pela incorporação de população proveniente das metrópoles e de populações africanas trazidas através do regime de escravidão. A segunda etapa é aquela na qual os países da América Latina, e principalmente do sul do continente, receberão uma parte da grande corrente emigratória européia da metade do século XIX e início do século XX. A terceira fase ocorreu entre 1930 e meados da década de 1960, sendo que nesta o fenômeno dominante diz respeito aos movimentos internos de população em direção às grandes metrópoles; a migração internacional adquiriu neste contexto um caráter regional e fronteiriço, funcionando como complemento à migração interna. A quarta fase ocorre nas últimas três décadas do século XX, quando o saldo migratório dos países da América Latina tornou-se negativo, e a emigração para os Estados Unidos e outros países desenvolvidos passou a ser o fato dominante do panorama migratório da região (PELEGRINO, 2003 apud DO CARMO; JAKOB, 2009, p. 206).

Do Carmo e Jakob (2009) ainda afirmam que a Amazônia brasileira teve reflexos dessas quatro etapas históricas apresentadas por Pelegrino, sendo que no período mais recente as trocas migratórias com os países vizinhos se intensificaram.

Portanto, a migração internacional para Amazônia brasileira já foi, historicamente, muito expressiva. No entanto, o período atual mostra mudanças importantes em termos das origens dos migrantes visto que as melhorias das condições de comunicação e transporte podem vir a ser importantes na intensificação da mobilidade populacional com os países vizinhos. Pela própria extensão das fronteiras internacionais da Amazônia Legal brasileira, certamente esse processo terá desdobramentos significativos para essa região (DO CARMO; JAKOB, 2009).

As migrações internacionais, atualmente, constituem um espelho das assimetrias das relações sócio-econômicas vigentes em nível planetário. São termômetros que apontam as contradições das relações internacionais e da globalização neoliberal.

Numa perspectiva sociológica, as migrações são percebidas sob a ótica estruturalista como uma das conseqüências da crise neoliberal contemporânea. No contexto do sistema econômico atual, verifica-se o crescimento econômico sem o aumento da oferta de emprego. O desemprego passa a ser uma característica estrutural do neoliberalismo, e as pessoas, então, migram em busca, fundamentalmente, de trabalho. E isto se verifica tanto no plano interno como no internacional. Sobre a lógica do progresso econômico e do desenvolvimento social impera a lógica do lucro, onde todos os bens, objetos e valores são passíveis de negociação,

como as pessoas e até os seus órgãos, a educação, a sexualidade e, inevitavelmente, os migrantes (MARINUCCI; MILESI, 2005, p. 1).

No atual contexto da globalização em que as relações entre diversos locais do mundo se intensificam, o campo migratório se torna mais vultoso, todavia o Estado possui um papel fundamental de controle dessa mobilidade. Num sentido mais estritamente político, as migrações ainda são amplamente regidas pela territorialidade dos Estados nações, pois um dos papéis que indiscutivelmente o Estado ainda procura exercer e que pode até mesmo ser fortalecido no futuro é o controle dos fluxos migratórios.

Ainda que as fronteiras tenham se tornado mais abertas para a circulação do capital financeiro ou para os fluxos de mercadorias, estes, muitas vezes, dentro de uma “reterritorialização”, em termos dos chamados blocos econômicos, geralmente têm se fechado para o fluxo de pessoas (HAESBAERT, 2004, p. 248). Isso talvez seja a resposta para o grande número de migrantes ilegais no mundo.

É devido a esse sistema de restrições aos movimentos migratórios que surgem novas tipologias com dinâmicas específicas como profissionais qualificados, estudantes e reformados e também se deve destacar a tendência para a crescente feminização das migrações.

[...] migrante é uma categoria muito complexa e, no seu extremo, podemos dizer que há tantos tipos de migrantes quanto de indivíduos ou grupos sociais envolvidos nos processos migratórios. Com isto, falar genericamente em migração pode mesmo tornar-se temerário – somos sempre obrigados a qualificá-la. Assim como os processos internamente diferenciados – por exemplo, a análise da des-territorialização depende do momento em que a trajetória do migrante está sendo analisada. Além disto, há migrações ditas “econômicas” vinculadas à mobilidade pelo trabalho, migrações provocadas por questões políticas e outras por questões culturais ou ainda “ambientais”. Para completar, categorias como as de refugiado e exilado muitas vezes são confundidas com a de migrante, sendo muitas as situações ambíguas ou de entrelaçamento (HAESBAERT, 2004, p. 246).

Diante desse novo contexto a organização espacial do sistema migratório internacional modifica também os movimentos migratórios ilegais os transformando em redes baseadas na confiança ao tráfico de migrantes, como é o caso dos bolivianos (SILVA, 2006).

Estes aglomerados⁶ da exclusão são fruto em parte do novo padrão tecnológico imposto pelo capitalismo formado, sobretudo por uma massa estrutural de miseráveis, constituem processos migratórios não regulados pelo Estado devido ao cruzamento de uma multiplicidade de redes e territórios que não permitem definições ou identidades claras.

O enfraquecimento crescente do Estado como agente de intervenção diante do processo avassalador e “sem fronteiras” de mercantilização da sociedade leva muitas dessas redes ilegais a promover (re) territorializações próprias, muitas vezes como modo de substituir o Estado, como ocorre com o narcotráfico nas favelas latino-americanas. Por outro lado, sua “clandestinidade” acaba alimentando a insegurança, a violência e a exclusão frente aos circuitos ditos ilegais da economia e da política. Muito, mergulhados na confusão de redes e territórios ou totalmente deles excluídos, acabam por partilhar da desterritorialização mais radical, a dos “aglomerados” de exclusão (HAESBAERT, 2008, p. 184).

Portanto, representam uma massa potencialmente incontrolável voltando à tona questões como migração internacional que em certo período histórico de formação e ocupação territorial do Brasil foi importante para definir os limites de seu território e agora em um novo momento reaparece como no mínimo um indicativo do (des)controle do território nacional e, por outro lado, pode-se falar na mundialização da exclusão social delatada por Kurz (1992), quando se refere a novas bases da acumulação capitalista.

Reitera Haesbaert (2008):

Talvez a maior contribuição que a concepção de “aglomerados de exclusão” pode nos dar é a de questionar e complexificar a relação rede – território que vem dominando nas análises geográficas, enfatizando que tão fundamentais quanto os processos relativamente ordenados manifestados pelo espaço geográfico através de territórios e redes, são os processos mais propriamente “desordenados” e aparentemente sem lógica, produto da crescente exclusão econômica, política e cultural do mundo contemporâneo (HAESBAERT, 2008, p. 196).

Haesbaert (2008) demonstra ainda que a desterritorialização agrega múltiplas faces, não só econômicas, políticas e culturais, mas também em termo de categorias sociais a desterritorialização “tecnológica” da elite que partilha das redes da globalização informacional e a desterritorialização

⁶ Aglomerado se aproxima da concepção de massa no sentido de forma indefinida. Ver Haesbaert (1993).

“radical” dos totalmente excluídos cuja existência se tornou praticamente supérflua para o sistema.

Devemos combater esses extremos da desterritorialização não em nome de uma territorialização que prega o domínio/controlado exclusivo sobre nossos territórios cotidianos (reificando a propriedade privada ou as identidades étnicas, por exemplo), mas aquela que, mesmo respeitando fronteiras (e com elas as diferenças culturais), torna-se muito mais maleável para o constante diálogo e a promoção da solidariedade e da maior igualdade com o Outro. A emergência de novas relações sociais através desses territórios (sempre abertos a novas des-reterritorializações) deve incluir também a busca de uma nova relação com a própria natureza, vista não só num sentido instrumental vinculada ao campo dos “interesses” e da “necessidades” (hoje cada vez mais artificialmente ampliados), mas também como inspiração para uma nova relação simbólica e identitária com o mundo (HAESBAERT, 2008. p. 202).

Diante do atual contexto da globalização o migrante representa o sujeito do movimento e da instabilidade onde a construção da identidade do migrante perpassa por redes sociais (transnacionais) que possibilitam a (re)territorialização destes migrantes por laços de identidade cultural. No entanto os processos de desterritorialização são inseparáveis dos de territorialização, toda saída de um território implica na construção de outro (DELEUZE; GUATTARI apud HAESBAERT, 2004).

Nestes espaços de referência mantém-se a função de manutenção da coesão do grupo desterritorializado, todavia os fluxos migratórios ilegais, provavelmente, devem seguir os fluxos migratórios legais na Amazônia brasileira, em direção as áreas de fronteira e capitais das unidades de federação, pois estes territórios conjugam diversos componentes da vida social a partir de territórios multiescalares, de territórios-rede ou em rede sendo, portanto a desterritorialização um processo de exclusão sócio-espacial visto que a (re)territorialização, no caso da Amazônia brasileira não ocorre apenas a partir de direitos estáveis de acesso sendo, portanto a desterritorialização o caráter físico e material da migração.

Contudo, a migração é um processo multifacetário onde a simples mobilidade física não é suficiente para definir a desterritorialização, a multiterritorialidade pode colaborar para a reinserção ou reinclusão social dos migrantes (indivíduo desterritorializado - migrante indocumentado) no contexto atual da globalização a qual é e pode ser utilizada como recurso por

movimentos de resistência que se articulam em rede por territórios multiescalares inclusive redes ilícitas como o tráfico de drogas.

O trabalho de Steiman (2002) sobre o papel das fronteiras políticas internacionais nas cidades gêmeas de Tabatinga (Brasil) e Letícia (Colômbia) mostrou o sistema de cooperação que envolve as duas cidades no processo de articulação das redes de tráfico de drogas e contrabando internacional.

Conforme Steiman (2002), as cidades gêmeas possuem uma posição singular visto que formam subespaços estruturados e inseridos na faixa de fronteira na qual se realizam preferencialmente os fluxos transfronteiriços.

No entanto, a imagem que se tem destes espaços remete a um lugar estagnado diferentemente do que ocorre, pois as cidades gêmeas estão inseridas em múltiplas redes que por sinal ampliam sua capacidade relacional mesmo que exercida de forma tácita (STEIMAN, 2002).

Este cenário é recorrente na fronteira norte, principalmente através de acordos locais e regionais, e dinamizada pelos diversos fluxos que atravessam a fronteira. Portanto, a institucionalização poderá incrementar e gerar alternativas econômicas para as comunidades fronteiriças envolvidas através da iniciativa local e também da criação de mecanismos administrativos e legais (STEIMAN, 2002).

O estudo realizado por Steiman retrata uma das perspectivas de análise da migração internacional ressaltando a importância deste tema para o contexto brasileiro e sulamericano. A autora ainda apresenta vários fatores que contribuem para a notoriedade do assunto como:

[...] a) a abertura dos mercados da América do Sul, pelo interesse cada vez maior de aumentar os fluxos comerciais entre eles; b) pela necessidade de cooperação na resolução de problemas comuns, que transcendem as fronteiras e fogem do escopo de cada soberania nacional, tais como a preservação do meio ambiente; a proteção às culturas e às terras indígenas; o tráfico de drogas, de ouro (e outros minerais) e de eletro-eletrônicos, que se tornou uma questão estratégica em si mesma, mas também por sua associação em alguns casos com movimentos guerrilheiros; c) pela migração transfronteiriça, que coloca em questão os direitos a que tem acesso os estrangeiros que vivem na faixa, bem como as suas diferenças culturais; d) pelas perspectivas de desenvolvimento econômico-social frente a tudo que foi acima colocado (STEIMAN, 2002, p. 2).

A subutilização de municípios fronteiriços na Amazônia brasileira para o desenvolvimento de atividades ilícitas que envolve um esquema de processos

articulados em diversas escalas (local, regional e internacional) denota a precariedade das políticas públicas voltadas à questão da migração internacional na Amazônia brasileira.

O interesse atual em estudar as fronteiras internacionais deriva das implicações do processo de globalização sobre o sistema interestatal. As características desse processo desafiam a soberania dos estados nacionais, como observam os sociólogos Antonio Negri e Michael Hardt, em seu livro *Império*: “*é fato que, em sintonia com o processo de globalização, a soberania dos Estados-nação, apesar de ainda eficaz, tem gradualmente diminuído. Os fatores primários de produção e troca – dinheiro, tecnologia, pessoas e bens – comportam-se cada vez mais à vontade num mundo acima das fronteiras nacionais; com isso é cada vez menor o poder que tem o Estado-nação de regular estes fluxos e impor sua autoridade sobre a economia*” (NEGRI; HARDT, 2001, p. 11) (FERNANDES NETO, 2003, p. 1).

Em 2001, Moura e Moreira, em seu trabalho sobre processo de ocupação e urbanização na região Norte⁷ do Brasil, mostraram que existe uma tendência da população em se concentrar nos grandes centros urbanos da região e que devido à queda da fecundidade, a migração seria o principal meio de expansão populacional mesmo sabendo que as taxas de crescimento populacional na região ainda são as maiores do Brasil mesmo que reduzidas.

Segundo os autores, a trajetória recente da população amazônica não permitiria antecipar nenhuma possibilidade de que uma significativa expansão populacional ocorre com base nos estoques da própria região. Pois o crescimento vegetativo regional seria incapaz de promover um crescimento populacional significativo a fim de expandir a densidade demográfica regional, sendo as taxas de crescimento do país ainda menores em função da acelerada queda da fecundidade ocorrida nos últimos decênios (MOURA; MOREIRA, 2001).

As tendências de crescimento da população brasileira não estão mais vinculadas aos grandes fluxos migratórios que outrora chegavam de excedentes populacionais. Isto porque houve um declínio no estoque de migrantes potenciais em função da queda da fecundidade, assim como a própria mobilidade espacial da população que apresentou mudanças estruturais desmistificando a ideia de que a ocupação da Amazônia seja

⁷ A região Norte acrescida de todo o estado do Mato Grosso e do estado do Maranhão até o meridiano 44 corresponde à região Amazônica brasileira citada.

abastecida por tal fluxo, visto que a região apresenta índices de perda líquida de população para o restante do país (MOURA; MOUREIRA, 2001).

A região mostra indícios de estar se tornando perdedora líquida de população para o restante do País, exceto quanto ao Nordeste – e ainda assim em razão das amplas comutações populacionais na fronteira do Maranhão com o Pará e Tocantins. Mesmo assim, no que depender de excedentes demográficos, este movimento tende a diminuir, na medida em que também no Nordeste tem sido intensa a queda da fecundidade. Para reduzir ainda mais o movimento populacional em direção a Amazônia, há que se ter em conta que o conjunto de fatores de expulsão da população do Centro-Sul para a Amazônia parece ter-se esgotado, assim como parece estar concluído o processo de direcionamento da população, em grandes números, para Rondônia e seu entorno imediato (MOURA; MOREIRA, 2001, p. 235-236).

O que se pode notar em período recente, é a causa dos movimentos criados pela força dos amplos fluxos migratórios que adentraram a região e criaram as condições para a chegada de novos padrões migratórios. Sendo movimentos com origem e destino determinados, em grande parte, de pequeno volume numérico, estruturalmente distintos dos movimentos anteriores, mas nem por isso menos importantes para o processo de efetiva ocupação da região do que as maciças migrações de trabalhadores sem terra e pequenos proprietários que ocuparam a Amazônia no início do século XX (MOURA; MOREIRA, 2001).

4 ORIGEM DOS MIGRANTES INTERNACIONAIS NA AMAZÔNIA BRASILEIRA SEGUNDO OS CENSOS DE 2000 E 2010

A onda migratória do início do século XX atendia aos interesses dos países envolvidos, seja daqueles que transferiam seus excedentes populacionais seja daqueles com demandas insuficientes como o Brasil que, segundo Emmi (2008, p. 73): “via na absorção desses fluxos humanos um modo de resolver seus problemas de povoamento e de carência de mão-de-obra, privilegiando a população branca, por fatores ideológicos”.

Entretanto, o interesse dos migrantes estava direcionado aos subsídios que poderiam encontrar na terra nova, instigados por intensas propagandas tornando fatores motivadores na hora de decidir por residir em outro país (EMMI, 2008).

Conforme Aragón (2009), a Amazônia brasileira acompanhou o padrão migratório do período das grandes migrações do fim do século XIX e primeiras décadas do século XX. O resultado dessa migração foram diversas transformações socioeconômicas e demográficas sendo estes migrantes procedentes essencialmente de Portugal, Itália, Espanha, Alemanha e Japão, estes últimos após 1900.

4.1 PAÍSES DE NASCIMENTO

Quando analisamos os dados do censo demográfico de 2000 sobre a migração acumulada de estrangeiros na Amazônia brasileira, identificamos que o número total de migrantes internacionais na Amazônia brasileira é de 29.741 pessoas.

Na Tabela 1 pode também ser identificado pela ordem de volume migratório que a união dos países que formam a Europa constitui a maior concentração de migrantes. Além dos países europeus, com 6.291 pessoas (destacando Portugal, Itália, Alemanha, França, Espanha), aparecem na terceira posição, por ordem do número de migrantes, os países asiáticos com 4.080 pessoas (ressaltando o Japão com 3.093 pessoas).

Tabela 1 - Migração acumulada, 2000

País	Ordem	Volume
BOLÍVIA	1	4554
PERU	2	4059
JAPÃO	3	3093
PORTUGAL	4	2979
PARAGUAI	5	2941
GUIANA	6	1486
COLOMBIA	7	1375
ITÁLIA	8	1240
ESTADOS UNIDOS	9	973
VENEZUELA	10	837
GUIANA FRANCESA	11	587
ARGENTINA	12	556
ALEMANHA	13	525
PAÍS ESTRANGEIRO SEM ESPECIFICAÇÃO	14	399
LÍBANO	15	376
FRANÇA	16	373
CHILE	17	316
ESPANHA	18	282
HOLANDA	19	210
URUGUAI	20	208
ANGOLA	21	185
CUBA	22	178
OUTROS PAÍSES ÁFRICA	23	174
OUTROS PAÍSES ÁSIA	24	157
ÍNDIA	25	131
CORÉIA DO NORTE, CORÉIA DO SUL	26	118
GRÃ-BRETANHA	27	117
SURINAME	28	114
BÉLGICA	29	108
SUIÇA	30	101
EQUADOR	31	100
CANADÁ	32	71
CHINA	33	61
RÚSSIA, GEÓRGIA, LETÔNIA, LITUÂNIA, USBEQUISTÃO, TAJIQUISTÃO, TURCOMENISTÃO, UCRÂNIA,	34	60
OUTROS PAÍSES AMÉRICA	35	59
POLÔNIA	36	58
GRÉCIA	37	48
HUNGRIA	38	47
ISRAEL	39	40
MÉXICO	40	38
IRLANDA	41	36
PANAMÁ	42	36
SÍRIA	43	35

EL SALVADOR	44	32
IUGOSLÁVIA, BÓSNIA HERZEGOVINA, CROÁCIA, ESLOVÊNIA, MACEDÔNIA	45	32
TURQUIA	46	30
TAIWAN	47	25
ROMÊNIA	48	24
AUSTRÁLIA	49	23
MOÇAMBIQUE	50	23
BULGÁRIA	51	17
ÁUSTRIA	52	17
GUATEMALA	53	16
PAQUISTÃO	54	14
REPÚBLICA DOMINICANA	55	14
HONDURAS	56	9
OUTROS PAÍSES EUROPA	57	8
HAITI	58	7
DINAMARCA	59	5
REPÚBLICA TCHECA, ESLOVÁQUIA	60	5
Total		29741

Fonte: IBGE, Amostra Censo Demográfico de 2000. Tabulações Especiais MAPAZ/UFPA. Elaborado por LIRA, J. R. O.

Em um primeiro momento pode-se afirmar preliminarmente que o volume migratório apesar de ter reduzido bruscamente manteve o padrão das grandes migrações do início do século XX, no entanto esta afirmação estaria equivocada.

A tabela 1 trata dos dados referentes à migração acumulada e, portanto dizem respeito a todos estrangeiros presentes no país na data do censo sem necessariamente terem chegado em período recente. Em muitos casos trata-se da migração ainda remanescente daqueles grandes fluxos migratórios.

Ainda nesta tabela pode-se também identificar um grande número de migrantes estrangeiros oriundos de países vizinhos como a Bolívia com 4.554 pessoas e o Peru com 4059 pessoas, países estes que fazem parte da Pan-Amazônia. E o Paraguai que apesar de não ser um país amazônico está logo abaixo da Bolívia e, portanto no continente sul-americano configurando a migração por bloco.

A origem dos migrantes estrangeiros em 2010 difere em volume e em destino do que foi recenseado em 2000, porém esta diferença não se constitui em um novo fenômeno para a primeira década do século 21, mas apenas

confirma as hipóteses apresentadas na interpretação dos dados do censo demográfico de 2000.

Pois, como afirmam Hakkert e Martine (2006), os fluxos migratórios no período recente sofreram uma redução de volume e também mudanças de rumo, algo como pode ser observado nos fluxos da migração internacional no Brasil que apontam para uma mudança relativamente abrupta no nível de deslocamentos espaciais de grande distância, sendo, aparentemente, uma ruptura do padrão histórico da migração internacional.

Tabela 2 - Migração acumulada, 2010

País	Ordem	Volume
BOLÍVIA	1	5.314
PERU	2	5.080
PARAGUAI	3	2.867
PORTUGAL	4	2.464
JAPÃO	5	2.412
COLÔMBIA	6	2.219
GUIANA	7	1.790
ESTADOS UNIDOS	8	1.444
ESPANHA	9	1.006
ITÁLIA	10	932
FRANÇA	11	688
GUIANA FRANCESA	12	671
VENEZUELA	13	623
ALEMANHA	14	605
ARGENTINA	15	537
Outros países Europa	16	440
CUBA	17	429
Outros países Ásia	18	409
CHINA	19	384
CHILE	20	363
LÍBANO	21	234
SURINAME	22	222
MÉXICO	23	215
URUGUAI	24	210
Outros países América	25	191
ÍNDIA	26	173
REPÚBLICA DA COREIA	27	168
Outros países África	28	157
HOLANDA	29	142
ANGOLA	30	138
CANADÁ	31	132

Não Sabe/ Ignorado	32	126
GRÃ-BRETANHA	33	120
CABO VERDE	34	115
GUINÉ BISSAU	35	112
COSTA DO MARFIM	36	109
Total		33.241

Fonte: IBGE, Amostra Censo Demográfico de 2010. Tabulações Especiais NEPO/UNICAMP. Elaborado pelo Prof.Dr. Alberto Jakob. Adaptado por LIRA, J. R. O.

Em primeiro lugar, nota-se na tabela 2 que houve um aumento de 3.500 pessoas em relação ao censo anterior, pois consta um número de 33.241 migrantes estrangeiros na Amazônia brasileira a partir da migração acumulada mostrada na Tabela 1. Assim, os principais fluxos migratórios são de bolivianos e peruanos com 5.314 e 5.080 pessoas, o que apenas se inverte quando analisado apenas os migrantes dos últimos 10 anos com 3.034 e 2.522 pessoas, respectivamente, sem considerar em nenhuma das tabelas a existência de remanescentes das migrações do início do século 20, a partir da presença de portugueses e japoneses, por exemplo.

Ainda com base no censo de 2010, procurou-se analisar os dados dos migrantes estrangeiros nos últimos 10 anos, ou seja, referem-se aos migrantes que vieram para a Amazônia brasileira no intervalo do ano 2000 e o ano de recenseamento, 2010.

Nesta tabela (tabela 3), portanto difere e muito do volume mostrado nas tabelas anteriores sobre migração acumulada devido ao seu recorte temporal de aferição. Esta informação ressalta ainda mais as mudanças de origem da migração internacional para a Amazônia brasileira.

Tabela 3 - Migração dos últimos 10 anos, 2010

País	Ordem	Volume
PERU	1	3.034
BOLÍVIA	2	2.522
PARAGUAI	3	1.587
COLÔMBIA	4	1.298
ESTADOS UNIDOS	5	1.183
PORTUGAL	6	861
JAPÃO	7	751
ESPANHA	8	699
GUIANA	9	687

ITÁLIA	10	470
FRANÇA	11	455
GUIANA FRANCESA	12	441
VENEZUELA	13	433
Outros países Europa	14	373
CUBA	15	332
ARGENTINA	16	331
ALEMANHA	17	317
MÉXICO	18	215
Outros países África	19	204
SURINAME	20	202
Outros países América	21	190
Outros países Ásia	22	154
CHINA	23	130
URUGUAI	24	130
REPÚBLICA DA COREIA	25	125
CANADÁ	26	124
GRÃ-BRETANHA	27	116
CABO VERDE	28	115
LÍBANO	29	112
COSTA DO MARFIM	30	109
GUINÉ BISSAU	31	106
Não sabe/ Ignorado	32	84
Total		17.892

Fonte: IBGE, Amostra Censo Demográfico de 2010. Tabulações Especiais NEPO/UNICAMP. Elaborado pelo Prof.Dr. Alberto Jakob. Adaptado por LIRA, J. R. O.

A tabela 3 mostra que 17.892 pessoas entraram na Amazônia brasileira no período de 10 anos. No entanto, se reduzir este número do montante apresentado na Tabela 2 que trata da migração acumulada em 2010, não necessariamente resulta na migração acumulada em 2000. Isto apenas demonstra que o fluxo migratório é muito dinâmico podendo ser caracterizado com muitas idas e vindas dos migrantes. Destacam-se o Peru e a Bolívia, com um volume de 3.034 e 2.522 pessoas, respectivamente. E apesar de Portugal só aparecer em sexto lugar, se somar os volumes dos países europeus, ter-se-ia ainda estes em segundo lugar por ordem de volume.

Para além da origem dos migrantes é necessário também compreender como se dá a procedência destes, e para isso é preciso analisar os dados sobre residência destes estrangeiros a fim de verificar se os mesmos estão há muito tempo na Amazônia brasileira; se vieram do seu país de origem ou de alguma outra unidade de federação (UF) brasileira, para assim se poder

caminhar rumo a um entendimento mais completo sobre as migrações internacionais.

Será, portanto, analisada a residência destes migrantes com base em quatro itens: o país de última residência, a unidade da federação de última residência e os mesmos itens 5 anos antes, ou seja, o país de última residência em 1995 e 2005 e a unidade de federação de última residência em 1995 e 2005.

4.2 PAÍSES DE ÚLTIMA RESIDÊNCIA

Segundo o censo de 2000 o número de migrantes que tiveram sua última residência fora da Amazônia brasileira foi de 7.508 pessoas. Na Tabela 4 percebe-se que os países de última residência destes migrantes são o Peru e a Bolívia, com um volume migratório de 1.433 e 1.272 pessoas, respectivamente. E logo em seguida, os migrantes procedentes dos países europeus com um volume de 742 pessoas. Somente na oitava posição aparecem os procedentes de países asiáticos.

Vale notar que, com exceção de Equador e Suriname, os demais países amazônicos estão entre os dez primeiros lugares, o que demonstra o arrefecimento da migração de longas distâncias em detrimento das migrações de curta distância.

Tabela 4 - País de última residência, 2000

País	Ordem	Volume
PERU	1	1433
BOLÍVIA	2	1272
COLOMBIA	3	577
PARAGUAI	4	504
GUIANA	5	501
ESTADOS UNIDOS	6	425
VENEZUELA	7	401
GUIANA FRANCESA	8	306
JAPÃO	9	263
PAÍS ESTRANGEIRO SEM ESPECIFICAÇÃO	10	258
ITÁLIA	11	217
FRANÇA	12	189
CUBA	13	133
ALEMANHA	14	115

ARGENTINA	15	99
EQUADOR	16	89
ÍNDIA	17	87
OUTROS PAÍSES ÁFRICA	18	85
PORTUGAL	19	67
CHILE	20	47
SURINAME	21	45
CANADÁ	22	38
PANAMÁ	23	36
LÍBANO	24	31
GRÃ-BRETANHA	25	30
OUTROS PAÍSES ÁSIA	26	27
ESPANHA	27	27
MÉXICO	28	24
RÚSSIA, GEÓRGIA, LETÔNIA, LITUÂNIA, USBEQUISTÃO, TAJIQUISTÃO, TURCOMENISTÃO, UCRÂNIA,	29	23
SUÍÇA	30	22
AUSTRÁLIA	31	21
OUTROS PAÍSES AMÉRICA	32	21
URUGUAI	33	19
BULGÁRIA	34	17
ANGOLA	35	15
HOLANDA	36	12
POLÔNIA	37	10
CHINA	38	8
GRÉCIA	39	7
BÉLGICA	40	7
COSTA RICA	41	0
GUATEMALA	42	0
NICARAGUÁ	43	0
EL SALVADOR	44	0
ÁUSTRIA	45	0
TAIWAN	46	0
Total		7507

Fonte: IBGE, Amostra Censo Demográfico de 2000. Tabulações Especiais MAPAZ/UFGA. Elaborado por LIRA, J. R. O.

Segundo o censo 2010, 10.900 migrantes tiveram sua última residência fora do Brasil. A Tabela 5, que se refere ao país de residência anterior (fora do Brasil) dos migrantes, destaca o Peru e a Bolívia entre os principais locais de saída destes migrantes.

Assim como no censo 2000 só que desta vez em ordem inversa com o Peru em primeiro lugar e a Bolívia em segundo, com um volume migratório de

2.302 e 1.166, respectivamente. Com exceção de Suriname, os demais países amazônicos aparecem entre os dez primeiros lugares.

Tabela 5 - País de última residência, 2010

País	Ordem	Volume
PERU	1	2.302
BOLÍVIA	2	1.166
COLÔMBIA	3	1.140
ESTADOS UNIDOS	4	871
PORTUGAL	5	671
GUIANA	6	468
ESPAÑA	7	443
GUIANA FRANCESA	8	396
JAPÃO	9	321
VENEZUELA	10	321
FRANÇA	11	302
Outros países América	12	282
Outros países Europa	13	269
ITÁLIA	14	239
CUBA	15	225
SURINAME	16	188
ALEMANHA	17	183
Outros países Ásia	18	171
Outros países África	19	166
MÉXICO	20	162
PARAGUAI	21	147
CABO VERDE	22	126
REPÚBLICA DA COREIA	23	125
GRÃ-BRETANHA	24	105
Não sabe/ Ignorado	25	102
PAPUA NOVA GUINÉ	26	10
Total		10.900

Fonte: IBGE, Amostra Censo Demográfico de 2010. Tabulações Especiais NEPO/UNICAMP. Elaborado pelo Prof.Dr. Alberto Jakob. Adaptado por LIRA, J. R. O.

4.3 PAÍSES DE RESIDÊNCIA 5 ANOS ANTES DO CENSO

A análise dos dados censitários referentes aos países de residência dos migrantes estrangeiros, no período de 5 anos antes da data de aferição dos censos, remete à migração dita recente ou contemporânea para a época do censo. Assim, nela se pode identificar não apenas a situação atual dos padrões migratórios, como também apresentar algumas tendências para o próximo período.

Neste sentido, comparam-se os dados dos dois últimos censos a fim de confirmar ou não a hipótese de que estes dados possam realmente inferir alguma informação tendenciosa a ser identificada no próximo censo. Neste caso, entre o censo 2000 e o 2010.

Feito este preâmbulo, o recorte temporal mostrado na Tabela 6 apresenta os países de residência em 1995 dos migrantes residentes na Amazônia brasileira no ano 2000.

Nota-se que foram excluídos todos os migrantes que em 1995 moravam no Brasil, ou seja, 24.440 pessoas. Entre os que nesse ano moravam no exterior, nota-se uma presença maior de países da América Latina, permanecendo como maior destaque o Peru e a Bolívia.

O censo de 2000 mostra que a migração recente da época caminha para uma intensificação das curtas distâncias pela presença expressiva de países fronteiriços nos primeiros lugares, o que tende a se intensificar no censo de 2010.

Tabela 6 - País de residência em 1995, 2000

País	Ordem	Volume
PERU	1	805
BOLÍVIA	2	686
COLOMBIA	3	401
PARAGUAI	4	347
VENEZUELA	5	339
GUIANA	6	334
ESTADOS UNIDOS	7	240
GUIANA FRANCESA	8	151
CUBA	9	146
ALEMANHA	10	103
PAÍS ESTRANGEIRO SEM ESPECIFICAÇÃO	11	94
JAPÃO	12	93
CHILE	13	84
FRANÇA	14	82
ITÁLIA	15	63
ÍNDIA	16	62
PORTUGAL	17	44
CORÉIA DO NORTE, CORÉIA DO SUL	18	42
ARGENTINA	19	39
ESPANHA	20	31
EQUADOR	21	26
GRÃ-BRETANHA	22	25
CANADÁ	23	22

AUSTRÁLIA	24	21
SURINAME	25	20
GUATEMALA	26	19
URUGUAI	27	19
PANAMÁ	28	17
BULGÁRIA	29	17
REPÚBLICA DOMINICANA	30	16
RÚSSIA, GEÓRGIA, LETÔNIA, LITUÂNIA, USBEQUISTÃO, TAJIQUISTÃO, TURCOMENISTÃO, UCRÂNIA,	31	15
HOLANDA	32	11
LÍBANO	33	10
SUIÇA	34	7
BÉLGICA	35	7
OUTROS PAÍSES ÁSIA	36	4
ANGOLA	37	3
Total		4443

Fonte: IBGE, Amostra Censo Demográfico de 2000. Tabulações Especiais MAPAZ/UFPA. Elaborado por LIRA, J. R. O.

O censo de 2010 confirma a análise feita no censo de 2000, pois se verifica que realmente as migrações de curta distância se intensificaram aumentando ainda mais o destaque para o Peru e a Bolívia com 1.201 e 1.072 pessoas, respectivamente.

Tabela 7 - País de residência em 2005, 2010

País	Ordem	Volume
PERU	1	1.201
BOLÍVIA	2	1.072
COLÔMBIA	3	698
ESTADOS UNIDOS	4	559
JAPÃO	5	356
PORTUGAL	6	348
GUIANA	7	271
PARAGUAI	8	253
Outros países África	9	240
Outros países América	10	231
FRANÇA	11	211
GUIANA FRANCESA	12	180
Outros países Europa	13	171
VENEZUELA	14	170
ALEMANHA	15	152
ITÁLIA	16	145
ESPANHA	17	137
ARGENTINA	18	132

CABO VERDE	19	126
Outros países Ásia	20	125
MÉXICO	21	125
CUBA	22	124
Não sabe/ Ignorado	23	56
Total		7.084

Fonte: IBGE, Amostra Censo Demográfico de 2010. Tabulações Especiais NEPO/UNICAMP. Elaborado pelo Prof.Dr. Alberto Jakob. Adaptado por LIRA, J. R. O.

4.4 DINÂMICA MIGRATÓRIA POR UNIDADE DA FEDERAÇÃO

De acordo com o censo 2000, a dinâmica migratória por unidades da federação da Amazônia brasileira mostra o Pará como o principal destino, dentre os outros estados, conforme a Tabela 8, com 4.616 dos 21.749 migrantes estrangeiros com residência anterior, sendo acompanhado pelos estados do Amazonas e do Mato Grosso com 4.000 e 3.531 pessoas, respectivamente.

No entanto, vale destacar que os migrantes citados nesta tabela não correspondem apenas aos migrantes recentes e sim a todo volume migratório internacional de estrangeiros que residem na Amazônia brasileira. Ressalta-se ainda que as sete primeiras posições por ordem de volume migratório são de UF que compõem a Amazônia brasileira.

Tabela 8 - UF de residência anterior, 2000

UF	Ordem	Volume
PARÁ	1	4616
AMAZONAS	2	4000
MATO GROSSO	3	3531
RONDÔNIA	4	3072
RORAIMA	5	1431
ACRE	6	1112
MARANHÃO	7	1081
SÃO PAULO	8	607
AMAPÁ	9	331
PARANÁ	10	330
MATO GROSSO DO SUL	11	236
TOCANTINS	12	218
BRASIL SEM ESPECIFICAÇÃO	13	210
MINAS GERAIS	14	171
RIO DE JANEIRO	15	147
RIO GRANDE DO SUL	16	94

GOIÁS	17	86
DISTRITO FEDERAL	18	81
CEARÁ	19	71
PIAUÍ	20	70
BAHIA	21	66
PERNAMBUCO	22	60
SANTA CATARINA	23	50
PARAÍBA	24	36
ESPÍRITO SANTO	25	25
RIO GRANDE DO NORTE	26	19
ALAGOAS		
SERGIPE		
Total		21749

Fonte: IBGE, Amostra Censo Demográfico de 2000. Tabulações Especiais MAPAZ/UFPA. Elaborado por LIRA, J. R. O.

A mesma análise feita por UF de residência por data fixa de 1995 continua a indicar o estado do Pará como principal destino dos migrantes transfronteiriços. A análise feita por data fixa mostra o volume de migrantes internacionais que em período recente (1995) se deslocaram para residir nas unidades de federação brasileiras da região Amazônica.

É interessante frisar que sendo este recorte feito para 5 anos antes do censo, ocorre uma redução no volume total de migrantes. No entanto, o Pará continua tendo mais destaque entre as UF de destino e apenas o estado de São Paulo aparece entre os dez primeiros lugares de destino, sendo os demais referentes a UF da Amazônia brasileira.

Tabela 9 - UF de residência em 1995, 2000

País	Ordem	Volume
PARÁ	1	5151
AMAZONAS	2	5020
MATO GROSSO	3	4164
RONDÔNIA	4	3550
RORAIMA	5	1848
ACRE	6	1349
MARANHÃO	7	1196
AMAPÁ	8	529
SÃO PAULO	9	408
TOCANTINS	10	368
PARANÁ	11	121
MATO GROSSO DO SUL	12	112
RIO DE JANEIRO	13	97

DISTRITO FEDERAL	14	78
MINAS GERAIS	15	76
BRASIL SEM ESPECIFICAÇÃO	16	63
SANTA CATARINA	17	51
RIO GRANDE DO SUL	18	51
CEARÁ	19	43
GOIÁS	20	42
PARAÍBA	21	30
BAHIA	22	28
ESPÍRITO SANTO	23	21
PIAUÍ	24	20
PERNAMBUCO	25	16
RIO GRANDE DO NORTE	26	8
ALAGOAS		0
SERGIPE		0
Total		24440

Fonte: IBGE, Amostra Censo Demográfico de 2000. Tabulações Especiais MAPAZ/UFPA. Elaborado por LIRA, J. R. O.

Essa preferência pelo estado do Pará em detrimento dos demais estados da Amazônia brasileira pode ser explicada, dentre outros motivos, pelo desenvolvimento socioeconômico e o destaque deste estado em toda a região, isso devido, sobretudo, às atividades de exploração de recursos naturais.

No censo 2010 este processo se altera, e percebe-se que o estado do Pará perdeu duas posições em relação ao censo de 2000, no qual era o estado com o maior volume migratório. Em 2010, o destaque vai para o Mato Grosso e o Amazonas.

Nas tabelas referentes a residência dos migrantes em 2005 destacam-se os mesmos locais de saída apresentados na tabela anterior. Contudo, o ponto mais interessante destas tabelas é o aumento do volume migratório recente para as UF do Amazonas e do Mato Grosso.

Tabela 10 - UF de residência anterior, 2010

País	Ordem	Volume
MATO GROSSO	1	963
AMAZONAS	2	713
PARÁ	3	587
RÔNDONIA	4	469
Não sabe/ Ignorado	5	386
PARANÁ	6	370
SÃO PAULO	7	347

RORAIMA	8	259
ACRE	9	233
GOIÁS	10	192
MATO GROSSO DO SUL	11	152
RIO DE JANEIRO	12	143
MINAS GERAIS	13	117
MARANHÃO	14	103
AMAPÁ	15	99
TOCANTINS	16	93
RIO GRANDE DO SUL	17	65
CEARÁ	18	53
BAHIA	19	52
PIAUI	20	36
SANTA CATARINA	21	35
DISTRITO FEDERAL	22	24
PERNAMBUCO	23	18
SERGIPE	24	6
ESPÍRITO SANTO	25	4
PARAÍBA	26	4
Total		5.523

Fonte: IBGE, Amostra Censo Demográfico de 2010. Tabulações Especiais NEPO/UNICAMP. Elaborado pelo Prof.Dr. Alberto Jakob. Adaptado por LIRA, J. R .O.

A Tabela 11 evidencia ainda mais que a migração para o estado do Amazonas é a de maior volume e, portanto o destino principal destes migrantes. Isto se deve principalmente às redes fluviais que se formaram no estado desde a sua criação.

Tabela 11 - UF de residência em 2005, 2010

País	Ordem	Volume
AMAZONAS	1	1.462
MATO GROSSO	2	711
PARÁ	3	615
RÔNDONIA	4	470
RORAIMA	5	293
ACRE	6	214
SÃO PAULO	7	200
MARANHÃO	8	189
PARANÁ	9	176
RIO DE JANEIRO	10	121
AMAPÁ	11	111
TOCANTINS	12	100
MATO GROSSO DO SUL	13	70

MINAS GERAIS	14	68
GOIÁS	15	39
Não sabe/ Ignorado	16	39
BAHIA	17	35
RIO GRANDE DO SUL	18	33
SANTA CATARINA	19	31
DISTRITO FEDERAL	20	31
PIAUÍ	21	14
ESPÍRITO SANTO	22	4
Total		5.026

Fonte: IBGE, Amostra Censo Demográfico de 2010. Tabulações Especiais NEPO/UNICAMP. Elaborado pelo Prof.Dr. Alberto Jakob. Adaptado por LIRA, J. R. O.

Com base nos censos demográficos brasileiros de 2000 e 2010, pode-se concluir que os novos padrões migratórios para a Amazônia brasileira consistem na intensa mobilidade do tipo curta distância proveniente e procedente dos países amazônicos. O mesmo também pode ser dito a cerca das unidades de federação brasileiras que formam os destinos destes migrantes, alterando a distribuição espacial e provavelmente o perfil deste migrante.

5. ANÁLISE DOS DADOS DE ESPACIALIDADE E SELETIVIDADE DOS CENSOS DE 2000 E 2010 PARA A AMAZÔNIA BRASILEIRA

5.1 ESPACIALIZAÇÃO DOS MIGRANTES INTERNACIONAIS NA AMAZÔNIA BRASILEIRA PROCEDENTES DOS PAÍSES AMAZÔNICOS SEGUNDO O CENSO DE 2000

Tendo em vista a importância do tema migrações internacionais em seu atual contexto, aquém da sua origem nas Grandes Migrações, tem-se na sua distribuição espacial uma das formas de interpretarmos tal processo em sua forma mais recente em que os censos demográficos apesar de serem recriminados por diversos estudos apontam evidências importantes para iniciar uma tomada de questionamentos em pesquisas de maior escala geográfica.

De forma pioneira na Amazônia brasileira, o grupo Meio Ambiente, População e Desenvolvimento na Amazônia (MAPAZ), coordenado pelo Prof.Dr. Luís Aragón, utiliza as fontes censitárias dos países que compõem a Amazônia no sentido de contribuir em identificar as limitações assim como a utilidade dessas fontes.

As limitações dos censos determinaram uma subutilização nos estudos de migração internacional na Amazônia, tanto no Brasil como nos demais países. Nesse sentido, os estudos do Grupo MAPAZ representam uma contribuição para expor tanto as limitações como a utilidade dessa fonte. Os resultados na base dos censos disponíveis permitirão analisar comparações com a próxima rodada de censos e apontar melhoria dos mesmos (ARAGÓN, 2011, p. 78).

Considerar a importância do Censo Demográfico como instrumento de avaliação da realidade demográfica e socioeconômica do país visto que são imprescindíveis para subsidiar e orientar as políticas públicas atuais e futuras em diversas escalas seja proveniente da iniciativa privada ou de qualquer nível de governo (LIRA, 2010).

O IBGE publicara os microdados do censo demográfico de 2010 apenas em abril de 2012. No entanto, em maio de 2012 o próprio órgão divulgou em seu site oficial uma nota de advertência sobre os dados de migração dificultando ainda mais a conclusão desta pesquisa.

O IBGE identificou problema em uma das tabelas do tema Migração na publicação do volume Resultados Gerais da Amostra. Este problema já está sendo tratado através dos procedimentos usuais de crítica. Nesse sentido, relacionam-se as tabelas e as variáveis da

base digital de microdados que não devem ser utilizadas, até que as devidas correções tenham sido realizadas. Ressalte-se que pelo volume dos dados a processar não houve possibilidade de efetuar as correções a tempo de incorporá-las na divulgação do dia 27 de abril (www.ibge.gov.br).

Sendo a Pan-Amazônia⁸ uma região que converge interesses políticos de muitos países pelos seus recursos naturais, as fronteiras internacionais destes países tendem a extrapolar, nos quais o comportamento demográfico sofre influência das relações e transformações socioeconômicas e ambientais recentes que ocorrem em toda a região (ROCHA, 2005).

Na Amazônia brasileira⁹ não seria diferente, pois atrelada ao contexto de ocupação dessa região a economia influenciou seus padrões de ocupação e povoamento condicionando o ritmo de crescimento, distribuição populacional entre outros aspectos.

A concentração de fluxos migratórios internacionais para Amazônia brasileira reflete as transformações socioeconômicas ocorridas na mesma a partir do penúltimo período intercensitário (1991/2000) que proporcionaria, prioritariamente, a esperança de um progresso econômico para os migrantes.

Conforme o Censo Demográfico Brasileiro (2000), 40% do fluxo migratório que adentra à Amazônia Brasileira provêm dos demais países amazônicos (Colômbia, Venezuela, Equador, Suriname, Peru, Bolívia e Guiana) e da Guiana Francesa, os quais se concentram em áreas fronteiriças e nas capitais estaduais, indicando, portanto a necessidade de estudos sobre este fenômeno migratório internacional. E se somado a migração proveniente do Paraguai, este número supera os 50% do total de migrantes.

A análise dos dados do Censo Demográfico Brasileiro de 2000 confirma as hipóteses lançadas por Do Carmo e Jakob (2009), pois ao interpretar as tabelas de migrantes internacionais da Amazônia brasileira em 2000, verificou-se que ainda existe uma expressiva presença de europeus e japoneses remanescentes da migração do início do século XX.

⁸ Adota-se o termo Grande Amazônia ou Pan-Amazônia de Gutiérrez, Acosta, Salazar (2004). O diferencial deste conceito é que o mesmo agrupa particularidades não contempladas por outras formas de regionalização como, por exemplo, a inclusão do território da Guiana Francesa, sendo equivalente ao termo Pan-Amazônia por integrar a região pelos conceitos político-administrativos, ambientais e geográficos (ARAGON, 2005).

⁹ A Amazônia brasileira é definida de duas formas: Uma definida pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), no caso, a região Norte, e a Amazônia Legal instituída pela (Superintendência de Desenvolvimento da Amazônia (SUDAM) e utilizada nesta análise.

Diferentemente do que sucedia no passado quando a imigração internacional para a Pan-Amazônia (principalmente na Amazônia brasileira) se originava na Europa, atualmente ocorre principalmente entre países da região se configurando em uma migração transfronteiriça intensa. Provavelmente os planos de integração física da Pan-Amazônia e a exploração de seu potencial econômico deverão dinamizar ainda mais migração internacional na região.

No entanto, ao ser verificado a procedência dos migrantes conforme país de última residência e país de residência em 1995 notou-se que houve um aumento no destaque aos países sul-americanos, em especial os países fronteiriços à Amazônia brasileira. Contudo, estas estimativas denotam a mudança do padrão migratório para a Amazônia brasileira a partir da intensificação da mobilidade vinda dos países fronteiriços.

Presume-se que este novo padrão migratório resultará no aumento da migração ilegal devido à porosidade das fronteiras ligado prioritariamente a busca de trabalho ou melhores condições de vida em um processo “migratório” com características cada vez mais pendulares. Nesse sentido, políticas públicas que regularizem a migração internacional na Amazônia brasileira podem fornecer instrumentos que auxiliem no controle das fronteiras assegurando o desenvolvimento da região.

[...] a migração internacional na Amazônia brasileira passa por mudanças importantes no que se refere a seus padrões de origem, de distribuição e de seletividade. As melhorias dos transportes e condições de comunicação, os acordos bilaterais, os planos de cooperação internacional como os da Organização do Tratado de Cooperação Amazônica, e de integração física como a Iniciativa de Integração da Infra-estrutura Regional Sul-Americana (IIRSA) poderão acelerar este processo com desdobramentos significativos para o desenvolvimento da Amazônia brasileira e dos demais países (ARAGÓN, 2009. p. 30).

De forma geral pode-se dizer que essas modificações decorrentes de novos padrões de fluxo e distribuição da população migrante foram fruto de uma intensificação dos movimentos migratórios curtos tanto em âmbito nacional quanto internacional diferentemente de outras épocas em que este fluxo tinha origem em países europeus e no Japão sendo tudo isso reflexo do processo histórico de ocupação e urbanização da Amazônia que também pode

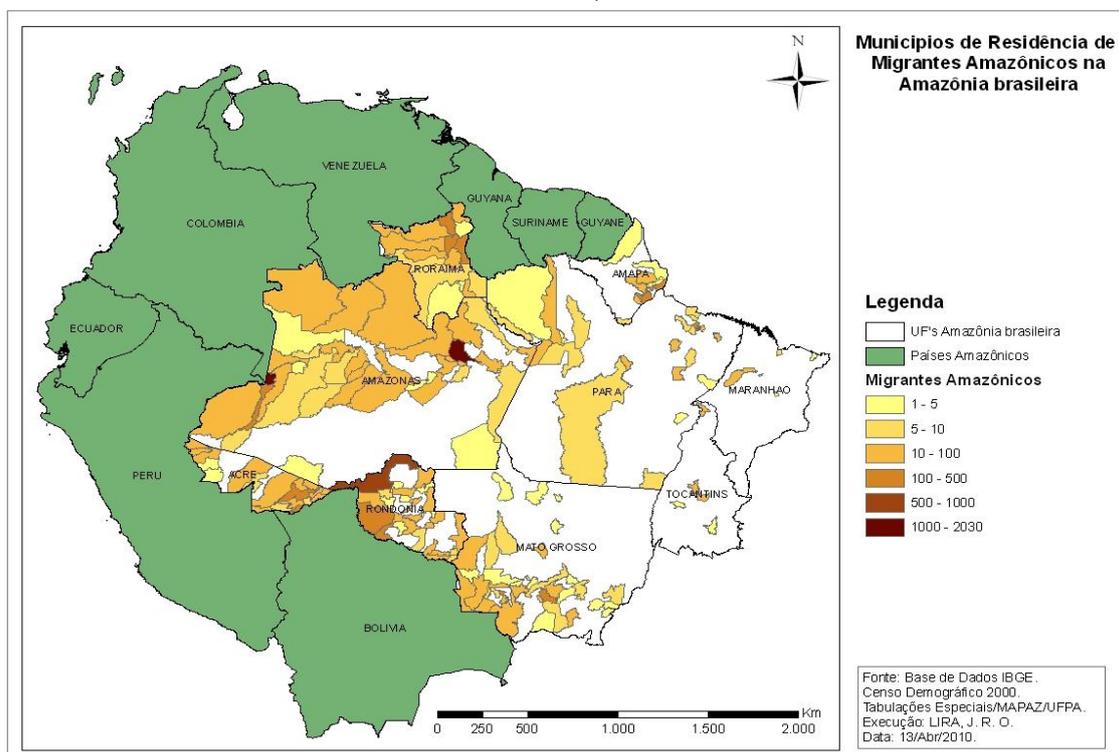
ser explicado pelas diferenças sócio-econômicas dos países amazônicos e pela porosidade da fronteira (LIRA, 2010).

5.1.1 Municípios

A distribuição espacial dos imigrantes nos municípios amazônicos deixa ver, também, o caráter fronteiriço dessa migração. O mapa 1 mostra que os imigrantes nascidos nos países fronteiriços se localizavam prioritariamente em áreas fronteiriças e nas capitais das unidades de federação.

A distribuição espacial dos migrantes também apresentou padrões peculiares, pois se situava prioritariamente em áreas fronteiriças e nas capitais das unidades de federação da Amazônia brasileira conforme mostra o Mapa 1.

Mapa 1 - Municípios de residência de migrantes amazônicos na Amazônia brasileira, 2000



Fonte: IBGE, 2000. Elaborado por LIRA, J. R. O.

5.1.2 Rural e urbano

A escolha entre o rural e o urbano entre os migrantes amazônicos é um fator que passa na análise de Castro (2008) de que as cidades amazônicas assumem diferentes significados para os diversos agentes sociais envolvidos na produção do espaço urbano-rural.

A dinâmica dos grandes projetos para a Amazônia brasileira, especialmente no estado do Pará, traz consigo atrativos para os mais diversos tipos de migrantes, com a esperança de um novo horizonte. Com a abertura das rodovias Transamazônica (BR-230) e Cuiabá-Santarém (BR-163), cria-se a especulação de terras para os ocupantes de suas margens, fazendo com que atividades rurais sejam fixadas para o desenvolvimento do local.

A história das grandes cidades urbanas da Amazônia é enfatizada na passagem de Castro (2008) quando cita:

A Amazônia precisa ser lida enquanto uma região cada vez mais urbana, com quase 70% de sua população vivendo nas cidades, ainda que essa estatística possa ser questionada em função das estruturas rural-urbanas ali existentes (CASTRO, 2008, p. 9).

A Tabela 12 mostra a procura por parte dos migrantes amazônicos em relação das cidades rurais e urbanas na Amazônia brasileira.

Tabela 12 - Migrantes amazônicos residentes em áreas urbanas e rurais, 2000

Países amazônicos	Domicílio		
	Urbano	Rural	Total
BOLÍVIA	3.959	595	4.554
COLÔMBIA	1.251	125	1.375
PERU	3.506	553	4.059

Fonte: IBGE, Amostra Censo Demográfico de 2000. Tabulações Especiais MAPAZ/UFPA. Elaborado por LIRA, J.R.O.

Os números se tornam discrepantes quando analisada a escolha pela dinâmica das cidades, pois quase 90% dos migrantes residem em domicílios no setor urbano, isto por conta das facilidades de serviços oferecidos pelos grandes centros urbanos, assim como a possibilidade de melhorar de vida.

5.2 SELETIVIDADE MIGRATÓRIA SEGUNDO O CENSO DE 2000 e 2010

A questão da migração em relação à Amazônia brasileira torna-se uma prática realizada a todo o momento. Segundo Do Carmo e Jakob (2009), a delimitação do espaço ao qual se refere o movimento migratório é uma etapa fundamental, que influencia nas atividades de determinados locais escolhidos para residência dos migrantes, sofrendo a miscigenação de culturas e influenciando a dinâmica local.

A saída de seu país em busca de outros lugares tem como finalidade encontrar melhores condições de vida que na maioria das vezes não são disponíveis em seu domicílio original. A variação de indivíduos que atravessam as fronteiras dos países amazônicos em direção ao Brasil tem as mais diversas características. Vale ressaltar que nem todos os fluxos entre os países são dados de forma legal, existe ainda a migração ilegal que quando não registrado torna impossível os levantamentos de dados para as análises de qualquer estudo proposto.

Assim, as trocas migratórias se tornaram comuns na Pan-Amazônia permitindo um grande movimento de migrantes dos países fronteiriços com o Brasil. Nesse sentido, a análise deste tópico se destina a mostrar o perfil¹⁰ dos migrantes que tentam se afirmar saindo de seu país de origem e se aventurando em um lugar que na maioria das vezes desconhecem.

Vale ressaltar que as análises do Censo 2010 se restringiram ao recorte de 2005 como equivalente à migração recente para efetuar a comparação entre as três principais origens de migrantes residentes na Amazônia brasileira: Peru, Bolívia e Colômbia.

5.2.1 Idade

Tabela 13 - Grupo de idade, 2000

Países amazônicos	Grupos de idade			Total
	o a 17 anos	18 a 59 anos	60 anos ou mais	
BOLIVIA	627	3.216	711	4.554
PERU	617	3.080	362	4.059
COLOMBIA	244	994	137	1.375

Fonte: IBGE, Amostra Censo Demográfico de 2000. Tabulações Especiais MAPAZ/UFGA. Elaborado por LIRA, J. R. O.

O que mais se evidencia nos grupos de idade adotados na análise entre os migrantes amazônicos é a grande parcela que se desloca de seu país original para os demais estados brasileiros, é o grupo intermediário, entre os 18

¹⁰ A apresentação destes migrantes se dará através de indicadores que foram utilizados a partir do Censo 2000 do IBGE e dados cruzados no REDATAM + SP fornecendo tabelas para análise e melhor compreensão dos grupos de migrantes por país de origem. Para concluir este item foram utilizadas tabulações do Censo 2010, cedidas pelo Prof. Dr. Alberto Jakob (NEPO/UNICAMP).

aos 59 anos, grupo correspondente aos migrantes aptos a realizar atividades laborais. Destacam-se novamente os migrantes provenientes da Bolívia e do Peru.

Segundo o censo de 2010, a média de idade entre os migrantes dos três países está entre 25 e 30 anos, faixa etária que corresponde à idade economicamente ativa. Depreende-se que pelo menos segundo os dados referentes à idade dos migrantes, estes se deslocam à Amazônia brasileira em busca de oportunidades de emprego. Os bolivianos e os colombianos representam a menor e a maior média de idade do grupo com 25 e 29,6 anos respectivamente.

5.2.2 Sexo

Tabela 14 - Migrantes amazônicos por sexo

Países amazônicos	Sexo		
	Masculino	Feminino	Total
BOLÍVIA	2.212	2.342	4.554
PERU	2.508	1.551	4.059
COLÔMBIA	797	578	1.375

Fonte: IBGE, Amostra Censo Demográfico de 2000. Tabulações Especiais MAPAZ/UFGA. Elaborado por LIRA, J. R. O.

Como mostrado na Tabela 14, a seletividade migratória dos migrantes amazônicos indica que os homens migram mais que as mulheres para a Amazônia brasileira. O Peru é responsável por enviar a maior quantidade de homens migrantes para os mais diversos estados brasileiros, porém as cidades fronteiriças ainda são as mais procuradas, a exemplo das cidades gêmeas de Letícia (Colômbia) e Tabatinga (AM) que apesar de se encontrarem na fronteira entre Colômbia e Brasil possuem um grande número de peruanos.

Segundo Moura e Moreira (2001, p. 2):

Os diferenciais na relação de sexo, inclusive em termos temporais, refletem a seletividade do processo migratório segundo essa característica da população. Tratando-se a migração para a região Norte há a predominância relativa dos homens, é possível, no caso do arrefecimento, que isto venha a incidir numa equalização maior dos sexos nos próximos anos.

Enquanto o Peru envia mais homens, a Bolívia, por outro lado, envia o maior número de mulheres. Vale ressaltar que os destinos, tanto de homens quanto mulheres migrantes dos países amazônicos, são os mais diversos em busca de oportunidades, de emprego e de sobrevivência (SILVA apud DO CARMO; JAKOB, 2009).

No quesito gênero, percebe-se que em todos os casos há uma maior participação masculina, com 62,2% para o Peru, 54,1% para a Bolívia e 57,5% para a Colômbia, no censo 2010.

5.2.3 Escolaridade

Tabela 15: Migrantes amazônicos por escolaridade, 2000

Nível de instrução	Peru	Bolívia	Colômbia
Sem instrução e fundamental incompleto	2.082	3.328	790
Fundamental completo e médio incompleto	1.066	830	346
Médio completo e superior incompleto	537	136	136
Superior completo	352	221	89
Total	4.037	4.515	1.361

Fonte: IBGE, Amostra Censo Demográfico de 2000. Tabulações Especiais MAPAZ/UFPA. Elaborado por LIRA, J. R. O.

De certa forma, o nível educacional dos migrantes tende a influenciar os fluxos migratórios onde aqueles com maior escolaridade se deslocam para áreas com mais requisitos locacionais favorecendo a redefinição dos papéis e a especialização de algumas regiões metropolitanas ou algumas capitais das unidades de federação assim como também a escolha das áreas fronteiriças por aqueles com menos escolaridade, algo que pode ser entendido a partir da análise da renda destes grupos de migrantes (RIGOTTI, 2006).

Nos dados do censo de 2010 sobre o nível de instrução dos migrantes (maiores de 14 anos) de Peru, Bolívia e Colômbia, entretanto, têm-se um panorama diferenciado. No caso do Peru a maioria dos migrantes possui no mínimo o ensino médio completo, enquanto que na Bolívia e na Colômbia os migrantes possuem quase nenhuma instrução. Nota-se também que no caso dos três países, o menor volume corresponde aos migrantes com ensino superior completo.

5.2.4 Renda

Tabela 16 - Migrantes amazônicos por renda, 2000

Renda (SM)	Peru	Bolívia	Colômbia
Sem renda	1331	1431	538
+0 a 2	1239	1734	387
+2 a 5	600	559	167
+5 a 10	317	220	125
+10 a 20	394	287	97
Total	3881	4231	1314

Fonte: IBGE, Amostra Censo Demográfico de 2000. Tabulações Especiais MAPAZ/UFPA. Elaborado por LIRA, J. R. O.

Como indicado anteriormente, a renda salarial traz consigo questões instigantes sobre o perfil dos migrantes estrangeiros por país amazônico de origem, mostrando, por exemplo, que mais de 20% destes possuem uma renda superior a três salários mínimos o que pode desmistificar as proposições feitas quanto ao nível de escolaridade dos migrantes, ou seja, não necessariamente o grau de instrução influencia na hora de migrar.

Porém, os outros 80% dos migrantes possuem rendimentos de até dois salários mínimos, sendo que cerca de 30% do total de migrantes não possuem rendimentos. Pode-se associar a este último grupo os migrantes em idade escolar. No entanto, o número de migrantes sem rendimento é de 4296 pessoas, enquanto que o número de crianças e jovens residentes é de 2413 pessoas, o que torna a situação alarmante, pois há uma expressiva massa de estrangeiros na região sem as mínimas condições de sustento sendo mais de mil pessoas em idade adulta, bolivianos e peruanos.

Para o censo de 2010 os três países possuem uma renda entre 0 e 2 salários e o segundo maior grupo de migrantes não possui renda.

No geral, cada grupo de migrantes por país de origem possui um perfil bastante peculiar na Amazônia brasileira quanto a sua composição por faixas etárias, gênero, raça, renda e situação de domicílios de residência conforme se mostra:

- ✓ Os migrantes bolivianos residem prioritariamente nos estados de Rondônia e do Acre, principalmente em domicílios urbanos, sendo em sua maioria mulheres na faixa de 18 a 59 anos.

- ✓ Os migrantes colombianos residem em domicílios urbanos no estado do Amazonas, sendo a maioria homens na faixa de 18 a 59 anos.
- ✓ Os migrantes peruanos residem em domicílios urbanos principalmente nos estados do Amazonas e do Acre, sendo a maioria homens na faixa de 18 a 59 anos.

Quadro 1 - Perfil resumido dos migrantes amazônicos, 2000

País de nascimento	Perfil dos migrantes
Bolívia	Rondônia e Acre. Urbana. Paridade (Feminino). Adultos. Baixa renda. Baixa escolaridade.
Colômbia	Amazonas. Urbana. Masculino. Adultos. Baixa renda. Baixa escolaridade.
Peru	Amazonas e Acre. Urbana. Masculino. Adultos. Baixa renda. Baixa escolaridade.

Fonte: IBGE, Amostra Censo Demográfico de 2000. Tabulações Especiais MAPAZ/UFPA. Elaborado por LIRA, J. R. O.

5.3 MIGRAÇÃO DE RETORNO SEGUNDO O CENSO 2000

Conforme Aragón:

[...] a migração internacional na Amazônia brasileira passa por mudanças importantes no que se refere a seus padrões de origem, de distribuição e de seletividade. As melhorias dos transportes e condições de comunicação, os acordos bilaterais, os planos de cooperação internacional como os da Organização do Tratado de Cooperação Amazônica, e de integração física como a Iniciativa de Integração da Infra-estrutura Regional Sul-Americana (IIRSA) poderão acelerar este processo com desdobramentos significativos para o desenvolvimento da Amazônia brasileira e dos demais países (ARAGÓN, 2009, p. 30).

Nesse sentido, políticas públicas que regularizem a migração internacional na Amazônia podem fornecer instrumentos e informações para a resolução do descontrole das fronteiras proporcionando desenvolvimento que atenda tanto as características demográficas quanto as características ambientais da região.

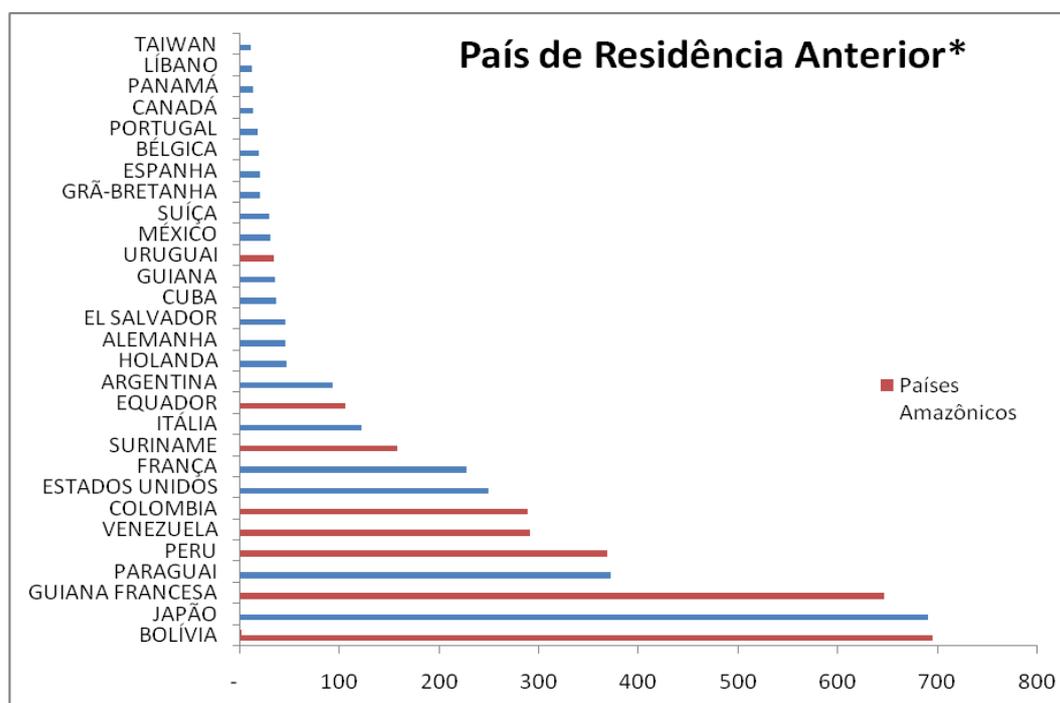
Daí a importância de incluir nas análises demográficas a migração de retorno e como ela se assemelha e/ou se diferencia da migração de estrangeiros.

Para o caso da Amazônia são muito raros os estudos que abordam a migração de retorno ainda mais com relação à vinda de estrangeiros. O ponto consecutivo dessa discussão é comparar a origem dos retornados com a origem dos estrangeiros.

Segundo o Censo demográfico brasileiro de 2000 residiam na Amazônia Legal 319.975 pessoas nascidas nos estados da Amazônia Legal que tinham retornado a seus estados de nascimento, sendo 4.733 retornados do exterior.

Dos retornados do exterior, 54,65% tiveram sua última residência nos países amazônicos e na Guiana Francesa, ainda que em nível de países se destaque também o Paraguai e o Japão (Gráfico 1).

Gráfico 1 - País de residência anterior de migrantes brasileiros, 2000



*Exclui-se 84 pessoas que não informaram os Países em que residiam anteriormente.

Fonte: IBGE, Amostra Censo Demográfico de 2000. Tabulações Especiais MAPAZ/UFGA. Elaborado por LIRA, J. R. O.

No caso do retorno proveniente do Japão, em sua maioria (445 pessoas), tiveram como principal destino o Pará, estado que contém um dos principais núcleos coloniais de imigrantes japoneses no Brasil (HOMMA, 2009).

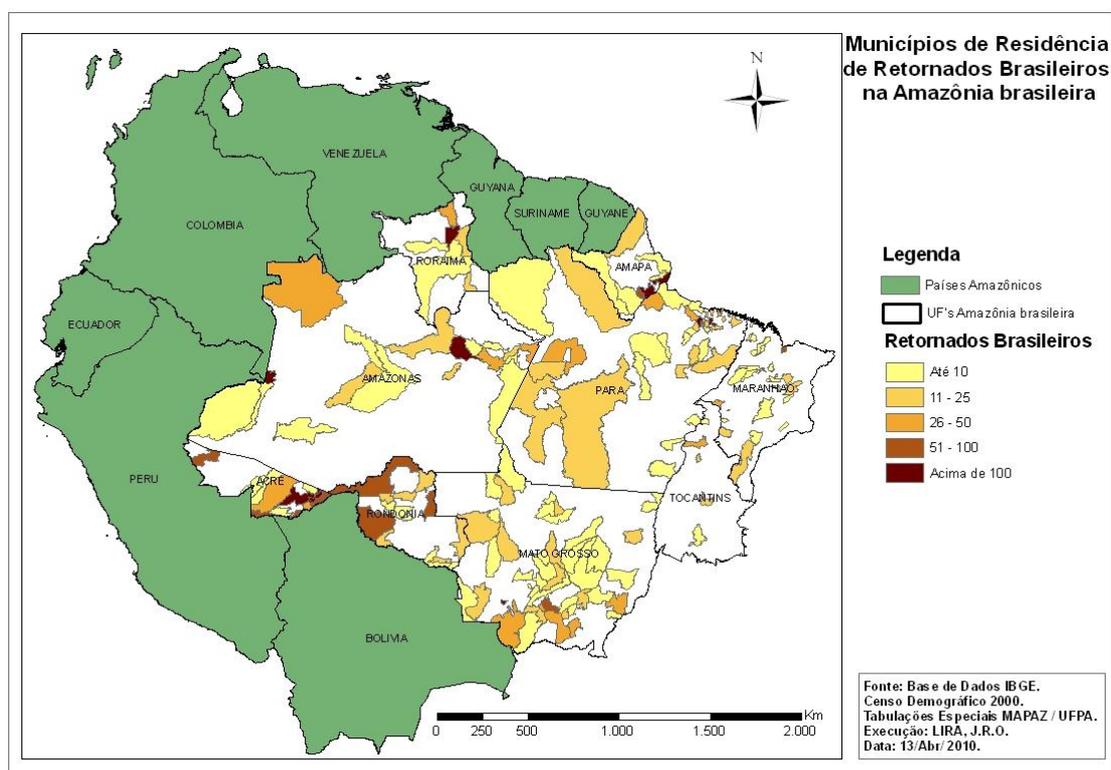
Já a migração de retorno proveniente do Paraguai tem como principal destino o estado do Mato Grosso (232 pessoas), o que leva a pensar que essa mobilidade deve acompanhar a migração de estrangeiros para o Mato Grosso.

Pois, estar-se-ia dando uma migração de brasileiros retornando do Paraguai junto com seus parentes nascidos nesse país (DO CARMO; JAKOB, 2009).

A semelhança da trajetória seguida pelos imigrantes procedentes do Paraguai, descrita por Do Carmo e Jakob (2009), e aquela seguida pelos retornados desse país permite este tipo de hipótese.

A comparação das mobilidades espaciais dos imigrantes de países amazônicos (Mapa 1) e dos brasileiros retornados desses países (Mapa 2) permite identificar algumas semelhanças e diferenças.

Mapa 2 - Municípios de residência de retornados brasileiros na Amazônia brasileira, 2000



Fonte: IBGE, 2000. Elaborado por LIRA, J. R. O.

À semelhança do padrão da imigração, os retornados se concentram nas capitais das UF, principalmente, Belém, Manaus e Macapá e, em municípios ao longo da fronteira com Rondônia, Acre e Amazonas (Tabatinga).

As maiores diferenças estão na distribuição de municípios de residência da migração de retorno onde, à diferença do mapa de imigração (Mapa 1), os retornados se distribuem de forma mais uniforme, com destaque para Mato

Grosso e oeste do Pará, áreas correspondentes a expansão da fronteira agrícola da soja. Esse padrão pode indicar que os retornados brasileiros podem estar sendo estimulados pela expansão da fronteira agrícola em território brasileiro.

Contudo, o retorno internacional e a migração internacional de estrangeiros para a Amazônia brasileira possuem configurações muito similares. Embora não se tenha refinado muito as informações sobre o retorno internacional pode-se notar que este fluxo compõe a dinâmica migratória internacional em que os fluxos mais atuais tendem a ocorrer em curtas distâncias.

8 CONCLUSÕES E PERSPECTIVAS DE NOVAS PESQUISAS

Primeiramente deve-se questionar se é possível construir uma teoria geral da migração? E se possível, quais são os fatores que contribuem para dificultar a explicação das migrações? Portanto, é necessário considerar a complexidade em estabelecer um conceito à migração visto que a mesma é compreendida de forma equivocada enquanto um fenômeno físico como se tratasse apenas de deslocamentos de um ponto a outro ou simples mobilidade espacial quando na realidade se trata de um fenômeno social, pois está associada a diversos fatores que possibilitaram a construção de teorias sobre a migração.

A tentativa de defini-la remete a teorizações concebidas atualmente como paradigmas clássicos que são incapazes de entender o fenômeno migratório do tempo presente. Todavia para se entender as diferentes abordagens teóricas sobre migração, é necessário discutir a pertinência das teorias no contexto atual dos movimentos migratórios contemporâneos.

Por ser tratar de um fator dinâmico na compreensão da população, as migrações esboçam diversas abordagens interpretativas vinculadas a temáticas centrais como economia, política, entre outros. Porém, a globalização requer novas formas e novas estratégias para o entendimento da migração e outras mobilidades inclusive novas articulações entre a migração internacional e a migração interna dando ênfase a vantagens e desvantagens.

Para isso, é necessário articular os padrões migratórios atuais com as tendências históricas, analisando as continuidades e as discontinuidades aproximando a compreensão das migrações no nível micro das tendências no nível macro olhando para o futuro desenvolvendo cenários de tendências migratórias e tomando em consideração as mudanças demográficas, econômicas e políticas compreendendo as migrações como sistemas migratórios inteiros.

No caso da Amazônia, deve-se notar a escassez de estudos sobre migração internacional e mesmo as limitações apontadas. Assim, os censos são uma fonte importante para estudar o processo migratório.

No período estudado foram observadas mudanças estruturais na dinâmica migratória internacional para a Amazônia brasileira visto que os

padrões migratórios historicamente conduzidos para a região se modificaram substancialmente em seu volume e distribuição devido à grande redução dos saldos migratórios de europeus e asiáticos, sobretudo japoneses, e um aumento significativo dos migrantes de países transfronteiriços à Amazônia brasileira.

As razões para tais mudanças são inúmeras, no entanto pode-se afirmar, ao menos, que essas mudanças dos padrões de origem dos migrantes estão diretamente relacionadas às transformações socioeconômicas ocorridas no mesmo período de aferição dos censos do IBGE.

Entende-se que o recente processo de migração internacional na Amazônia brasileira ainda carece de muitas razões para explicar as mudanças ocorridas nas últimas décadas necessitando de trabalhos em diferentes escalas espaciais para identificar com maior detalhe algumas questões ofuscadas pela análise holística da região.

Provavelmente os planos de integração física da Amazônia e a exploração de seu potencial econômico deverão dinamizar a migração internacional na região. Juntando diversas fontes, são possíveis estudos mais detalhados na Amazônia para entender a dimensão da migração internacional e suas consequências tanto sociais quanto ambientais para a região.

Essa crescente importância das migrações internacionais no contexto da globalização tem sido objeto de reflexão das implicações do novo processo de reestruturação produtiva. Como estratégia de enfrentamento da situação adversa, a conjuntura política aponta para a emergência de lideranças mais voltadas ao reforço regional conjunto do continente sul-americano, logo da Pan-Amazônia.

Contudo, afirma-se então a hipótese proposta. Pois, a migração internacional na Amazônia brasileira segue a tendência nacional possuindo um caráter mais regional sendo uma migração intra-amazônica e o perfil destes migrantes denota também a busca por melhores empregos e renda diante da estabilidade econômica por qual se encontra o Brasil, e, por conseguinte, a Amazônia brasileira.

Por fim, vale ressaltar que os caminhos metodológicos que esta pesquisa dirigiu-se consistiram em reunir informações censitárias de forma exploratória fazendo uso de comparações, mapeamentos e construções de

perfis que levaram a iniciar a discussão acerca do tema migração internacional na Amazônia brasileira.

Entretanto, não esgotou as proposições que ainda podem ser feitas com base no censo de 2010 como o aprofundamento da discussão sobre a migração intrarregional a partir de trabalhos empíricos, assim como a análise da migração de retorno inclusive aquela proveniente do próprio território brasileiro, verificando como estes fluxos se relacionam com a migração de estrangeiros.

REFERÊNCIAS

ARAGÓN, L. E. Migração internacional na Pan-Amazônia: o que dizem os censos. In: SILVA, S. A. (Org). **Migrações na Pan-Amazônia**. Manaus: FAPEAM, 2012. p. 15-59.

_____. Introdução ao estudo da migração internacional na Amazônia. **Contexto internacional**, Rio de Janeiro: PUC, v. 33, p. 71-102, 2011.

_____. Aproximação ao estudo da migração internacional na Pan-Amazônia. In: ARAGÓN, L. E. (Org.). **Migração Internacional na Pan-Amazônia**. Belém: NAEA/UFPA, 2009. p. 11-38.

BECKER, Bertha Koiffman. Dinâmica urbana na Amazônia. In: DINIZ, C. C.; LEMOS, M. B. (Orgs.). **Economia e território**. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, 2005, p. 205-428.

CASTIGLIONI, A. Migrações: abordagens teóricas. In: ARAGÓN, L. (org.) **Migração internacional na Pan-Amazônia**. Belém: NAEA/UFPA, 2009. p. 39-57.

CASTRO, E. M. R. **Amazônia XXI**: globalização e dinâmica de atores sociais em novas fronteiras. *Papers do NAEA (UFPA)*, v. 1, p. 5-28, 2008.

CENSO DEMOGRÁFICO 2010. Primeiros resultados. Rio de Janeiro: IBGE. 2011.

CENSO DEMOGRÁFICO 2000. **Documentação dos microdados da amostra**. Rio de Janeiro: IBGE. 2002. 1 CD-ROM encartado.

DO CARMO, R. L; JAKOB, A. A. E. A migração estrangeira recente na Amazônia legal brasileira. In: ARAGÓN, L. E. (Org.). **Migração Internacional na Pan-Amazônia**. Belém: NAEA/UFPA, 2009. p. 205-222.

EMMI, M. Fluxos migratórios internacionais para a Amazônia brasileira do final do século XIX ao início do século XX: o caso dos italianos. In: ARAGÓN, L. (org) **Migração Internacional na Pan-Amazônia**. Belém: NAEA/UFPA, 2009. p. 263-280.

EMMI, M. F. . **Italianos na Amazônia (1870-1950)**: Pioneirismo Econômico e Identidade. 1a.. ed. Belém: Editora Universitária UFPA, 2008. v. 1000. 291p .

FERNANDES NETO, P. **Caracterização da faixa de fronteira continental norte do Brasil**. 2003. 40f. Monografia (Bacharelado em Geografia) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2003.

HAESBAERT, R. Desterritorialização: entre as redes e os aglomerados de exclusão. In: CASTRO, I. E. de et al (Org.) **Geografia**: conceitos e temas. 11. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil. 2008. p. 165-206.

_____. **O mito da desterritorialização**: do “fim dos territórios” à multiterritorialidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

HAKKERT, R.; MARTINE, G. Tendências migratórias recentes no Brasil: as evidências da PNAD de 2004. **Parcerias Estratégicas**, Brasília, n. 22, p. 347-379, 2006.

HOMMA, A. K. O. A imigração japonesa na Amazônia (1929-2009): passado, presente e futuro. In: ARAGÓN, L. (org) **Migração Internacional na Pan-Amazônia**. Belém: NAEA/UFPA, 2009. p. 321-336.

KURZ, R. **O colapso da modernização**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

LEE, E. S. Uma teoria sobre migração. In: MOURA, H. A. (Coord.). **Migração Interna**: Textos selecionados. Fortaleza: BNB; ETENE, 1980. p. 95-114.

LIRA, J. R. O. **Espacialização da migração internacional na Amazônia brasileira**. 2010. 77f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura e Bacharelado em Geografia) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Pará, Belém, 2010.

MARINUCCI, R.; MILESI, R. **Migrações internacionais contemporâneas**. Instituto Migrações e Direitos Humanos. 2005. Disponível em <www.migrante.org.br>. Acesso em: 10 set. 2010.

MOURA, H. A.; MOREIRA, M. M. A população da região Norte: processos de ocupação e de urbanização recentes. **Parcerias Estratégicas**, Brasília, v. 12, p. 214-238, set. 2001.

PATARRA, N. L. Migrações internacionais: teorias, políticas e movimentos sociais. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 20, n. 57, p. 7-24, 2006.

RAVENSTEIN, E. G. (1885) *As leis das migrações*. In: MOURA, H. A. (org.) **Migração interna**. textos selecionados. Fortaleza, BNB/ENTENE, 1980, p. 25-88, 722p.

RIGOTTI, J. I. R. Geografia dos fluxos populacionais segundo níveis de escolaridade dos migrantes. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 20, n. 57, p. 2370-254, 2006.

ROCHA, G. M.. **Aspectos recentes do crescimento e distribuição da população da Amazônia brasileira**. In: ARAGÓN, L. E.(Org.). *Populações da Pan-Amazônia*. Belém: NAEA, 2005.

ROCHA-TRINDADE, M. B. Migrações: o fim dos paradigmas clássicos. **Cidade Solidária**, Lisboa, v. 10, n. 18, p. 7-11, jul. 2007.

SALIM, C. A.. **Migração: o fato e a controvérsia teórica**. In: Anais do VIII Encontro Nacional de Estudos Populacionais. São Paulo: ABEP, 1992. v.3, p.119-144.

SASAKI, E. M.; ASSIS, G. O. Teorias das migrações internacionais. In: ENCONTRO NACIONAL DE ESTUDOS POPULACIONAIS, 12. Caxambu, 2000, **Anais...** Belo Horizonte: ABEP, 2000.

SAYAD, A. **A imigração ou os paradoxos da alteridade**. São Paulo: Edusp, 1998.

SILVA, S. A. da. Bolivianos em São Paulo: entre o sonho e a realidade. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 20, n. 57, p. 157-170, 2006.

STEIMAN, R. **A geografia das cidades de fronteira**: um estudo de caso de Tabatinga (Brasil) e Letícia (Colômbia). 2002. 117f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2002.

STEINBRENNER, R.A. Centralidade ambiental x visibilidade urbana(ou os novos “fantasmas” da Amazônia). In: ARAGÓN, L.E.; OLIVEIRA, J.A. de (orgs). **Amazônia no cenário Sul-Americano**. Manaus: EDUA, 2009. p.19-40.

ANEXOS

ANEXO I

CEPAL/CELADE Redatam+SP 10/1/2010

Base de dados

D:\MAPAZ\BR_CD2KAMO\CD2KAmo.dic

Peso

DOMICIL.PESO

Área Geográfica

D:\MAPAZ\BR_CD2KAMO\amazonia_brasileira.sel

Crosstab

de UF ou País estrangeiro de nascimento
por Nacionalidade

UF ou País estrangeiro de nascimento	Nacionalidade			Total
	Brasileiro nato	Naturalizado brasileiro	Estrangeiro	
RONDÔNIA	699595	-	-	699595
ACRE	542219	-	-	542219
AMAZONAS	2614175	-	-	2614175
RORAIMA	180728	-	-	180728
PARÁ	5505709	-	-	5505709
AMAPÁ	339287	-	-	339287
TOCANTINS	865841	-	-	865841
MARANHÃO	5884809	-	-	5884809
PIAUÍ	303443	-	-	303443
CEARÁ	356940	-	-	356940
RIO GRANDE DO NORTE	39442	-	-	39442
PARAÍBA	53959	-	-	53959
PERNAMBUCO	91082	-	-	91082
ALAGOAS	34564	-	-	34564
SERGIPE	13602	-	-	13602
BAHIA	181655	-	-	181655
MINAS GERAIS	318233	-	-	318233
ESPÍRITO SANTO	124354	-	-	124354
RIO DE JANEIRO	47962	-	-	47962
SÃO PAULO	245517	-	-	245517
PARANÁ	458782	-	-	458782
SANTA CATARINA	64860	-	-	64860
RIO GRANDE DO SUL	116869	-	-	116869

MATO GROSSO DO SUL	117395	-	-	117395
MATO GROSSO GOIÁS	1503784	-	-	1503784
DISTRITO FEDERAL	311896	-	-	311896
BRASIL SEM ESPECIFICAÇÃO	21313	-	-	21313
ARGENTINA	6211	-	-	6211
BOLÍVIA	-	175	381	556
CANADÁ	-	1894	2660	4554
CHILE	-	13	58	71
COLOMBIA	-	56	260	316
CUBA	-	372	1003	1375
EQUADOR	-	6	172	178
ESTADOS UNIDOS	-	34	66	100
GUATEMALA	-	133	840	973
GUIANA FRANCESA	-	16	-	16
GUIANA FRANCESA	-	593	893	1486
HAITI	-	322	265	587
HONDURAS	-	7	-	7
MÉXICO	-	-	9	9
PANAMÁ	-	14	24	38
PARAGUAI	-	9	26	36
PERU	-	2057	884	2941
REPÚBLICA DOMINICANA	-	1129	2930	4059
EL SALVADOR	-	9	5	14
SURINAME	-	-	32	32
URUGUAI	-	18	97	114
VENEZUELA	-	97	110	208
OUTROS PAÍSES	-	357	480	837
ALEMANHA	-	19	41	59
ÁUSTRIA	-	172	353	525
BÉLGICA	-	9	8	17
BULGÁRIA	-	-	108	108
DINAMARCA	-	-	17	17
ESPAÑA	-	5	-	5
FRANÇA	-	112	170	282
GRÃ-BRETANHA	-	93	280	373
GRÉCIA	-	11	106	117
HOLANDA	-	26	22	48
HUNGRIA	-	36	174	210
IRLANDA	-	5	42	47
ITÁLIA	-	16	20	36
		331	909	1240

IUGOSLÁVIA, BÓSNIA HERZEGOVINA, CROÁCIA, ESLOVÊNIA, MACEDÔNIA	-	14	18	32
POLÔNIA	-	9	49	58
PORTUGAL	-	1008	1971	2979
ROMÊNIA	-	13	11	24
SUIÇA REPÚBLICA	-	28	72	101
TCHECA, ESLOVÁQUIA	-	-	5	5
RÚSSIA, GEÓRGIA, LETÔNIA, LITUÂNIA, USBEQUISTÃO, TAJQUISTÃO, TURCOMENISTÃO, UCRÂNIA,	-	9	51	60
OUTROS PAÍSES	-	-	8	8
ANGOLA	-	67	118	185
MOÇAMBIQUE	-	7	16	23
OUTROS PAÍSES	-	50	125	174
CHINA	-	18	43	61
TAIWAN	-	25	-	25
CORÉIA DO NORTE, CORÉIA DO SUL	-	41	78	118
ÍNDIA	-	29	103	131
ISRAEL	-	33	8	40
JAPÃO	-	1023	2069	3093
LÍBANO	-	230	146	376
PAQUISTÃO	-	-	14	14
SÍRIA	-	28	7	35
TURQUIA	-	19	11	30
OUTROS PAÍSES	-	53	104	157
AUSTRÁLIA PAÍS ESTRANGEIRO SEM ESPECIFICAÇÃO	-	172	228	399
Total	21044226	11036	18706	21073967

ANEXO II

CEPAL/CELADE Redatam+SP
11/1/2010

Base de dados

D:\MAPAZ\BR_CD2KAMO\CD2KAmo.dic

Peso

DOMICIL.PESO

Área Geográfica

D:\MAPAZ\BR_CD2KAMO\amazonia_brasileira.sel

Crosstab

de UF ou País estrangeiro de residência
anterior
por Nacionalidade

UF ou País estrangeiro de residência anterior	Nacionalidade		Estrangeiro	Total
	Brasileiro nato	Naturalizado brasileiro		
IGNORADO	201856	218	268	202342
RONDÔNIA	1248829	1525	1547	1251901
ACRE	541441	672	440	542553
AMAZONAS	2696696	1431	2569	2700697
RORAIMA	248112	726	705	249543
PARÁ	6009195	1445	3171	6013811
AMAPÁ	400703	143	188	401034
TOCANTINS	997278	109	109	997496
MARANHÃO	5690306	368	713	5691387
PIAUI	72580	22	48	72650
CEARÁ	62578	31	39	62648
RIO GRANDE DO NORTE	9965 -		19	9984
PARAÍBA	14845	29	7	14881
PERNAMBUCO	28882 -		60	28942
ALAGOAS	13791 -	-		13791
SERGIPE	4365 -	-		4365
BAHIA	40679	15	51	40745
MINAS GERAIS	56735	75	96	56905
ESPÍRITO SANTO	26739	8	17	26764
RIO DE JANEIRO	38496	67	79	38643
SÃO PAULO	109248	131	476	109855
PARANÁ	106206	205	125	106536
SANTA CATARINA	22040	25	25	22090

RIO GRANDE DO SUL	29269	38	56	29363
MATO GROSSO DO SUL	60435	146	90	60671
MATO GROSSO GOIÁS	2132584	2036	1495	2136115
DISTRITO FEDERAL	31221	12	69	31301
BRASIL SEM ESPECIFICAÇÃO	9677	76	134	9887
ARGENTINA	116	15	84	215
BOLÍVIA	1263	208	1064	2535
CANADÁ	41 -		38	79
CHILE	32 -		47	79
COLOMBIA	434	46	531	1011
COSTA RICA	8 -	-		8
CUBA	107 -		133	240
EQUADOR	170	19	70	259
ESTADOS UNIDOS	653	39	386	1078
GUATEMALA	10 -	-		10
GUIANA	96	76	426	597
GUIANA FRANCESA	906	148	157	1211
MÉXICO	31 -		24	54
NICARAGUÁ	7 -	-		7
PANAMÁ	35	9	26	71
PARAGUAI	3632	243	261	4137
PERU	578	171	1262	2011
EL SALVADOR	55 -	-		55
SURINAME	219	15	30	264
URUGUAI	76 -		19	94
VENEZUELA	725	149	252	1126
OUTROS PAÍSES	11 -		21	32
ALEMANHA	53 -		115	168
ÁUSTRIA	8 -	-		8
BÉLGICA	19 -		7	25
BULGÁRIA	-		17	17
ESPANHA	56	13	13	83
FRANÇA	360	40	149	549
GRÃ-BRETANHA	77 -		30	106
GRÉCIA	-		7	7
HOLANDA	55 -		12	67
ITÁLIA	196	56	162	414
POLÔNIA	-		10	10
PORTUGAL	78	18	49	144
SUIÇA	51	9	12	73

RÚSSIA, GEÓRGIA, LETÔNIA, LITUÂNIA, USBEQUISTÃO, TAJIKUISTÃO, TURCOMENISTÃO, UCRÂNIA,	11 -		23	34
ANGOLA	-	-	15	15
OUTROS PAÍSES	108 -		85	193
CHINA	15 -		8	23
TAIWAN	19 -	-		19
ÍNDIA	-	-	87	87
JAPÃO	1231	97	166	1494
LÍBANO	27	6	25	58
OUTROS PAÍSES	135 -		27	162
AUSTRÁLIA	18 -		21	39
PAÍS ESTRANGEIRO SEM ESPECIFICAÇÃO	111	55	203	369
Total	21044226	11036	18706	21073967

ANEXO III

CEPAL/CELADE Redatam+SP 11/1/2010

Base de dados

D:\MAPAZ\BR_CD2KAMO\CD2KAmo.dic

Peso

DOMICIL.PESO

Área Geográfica

D:\MAPAZ\BR_CD2KAMO\amazonia_brasileira.sel

Crosstab

de UF ou País estrangeiro de residência em 1995
por Nacionalidade

UF ou País estrangeiro de residência em 1995	Nacionalidade		Estrangeiro	Total
	Brasileiro nato	Naturalizado brasileiro		
RONDÔNIA	1172178	1684	1866	1175728
ACRE	475786	791	558	477135
AMAZONAS	2365995	1578	3442	2371015
RORAIMA	236060	860	988	237908
PARÁ	5372878	1639	3512	5378028
AMAPÁ	374818	242	287	375347
TOCANTINS	953932	174	195	954301
MARANHÃO	4987158	372	824	4988353
PIAUÍ	28833 -		20	28852
CEARÁ	24101	5	38	24144
RIO GRANDE DO NORTE	4937 -		8	4944
PARAÍBA	7121	19	11	7151
PERNAMBUCO	13972 -		16	13989
ALAGOAS	6847 -		-	6847
SERGIPE	2370 -		-	2370
BAHIA	17274	5	23	17302
MINAS GERAIS	30115	26	50	30191
ESPÍRITO SANTO	12055	10	11	12077
RIO DE JANEIRO	21082	38	59	21179
SÃO PAULO	58386	109	299	58794
PARANÁ	45342	72	49	45463
SANTA CATARINA	12082	25	26	12133
RIO GRANDE DO SUL	17095	7	44	17146
MATO GROSSO DO SUL	28364	104	8	28476
MATO GROSSO	2096668	2300	1864	2100832

GOIÁS	53315	16	26	53357
DISTRITO				
FEDERAL	12847	9	69	12925
BRASIL SEM				
ESPECIFICAÇÃO	13985	28	35	14048
ARGENTINA	20 -		39	59
BOLÍVIA	716	76	610	1402
CANADÁ	16 -		22	38
CHILE	114 -		84	198
COLOMBIA	240	18	383	640
CUBA	-		146	146
EQUADOR	51 -		26	77
ESTADOS				
UNIDOS	407 -		240	647
GUATEMALA	30	10	10	50
GUIANA	91	44	290	425
GUIANA				
FRANCESA	510	42	109	661
NICARAGUÁ	7 -	-		7
PANAMÁ	-		17	17
PARAGUAI	2186	172	175	2533
PERU	149	75	729	954
REPÚBLICA				
DOMINICANA	4 -		16	20
EL SALVADOR	36 -	-		36
SURINAME	143 -		20	163
URUGUAI	78 -		19	97
VENEZUELA	443	96	243	782
OUTROS PAÍSES	54 -	-		54
ALEMANHA	35 -		103	138
BÉLGICA	16 -		7	22
BULGÁRIA	-		17	17
ESPANHA	30 -		31	61
FRANÇA	158	15	66	239
GRÃ-BRETANHA	37 -		25	62
HOLANDA	27 -		11	39
ITÁLIA	83	22	42	146
PORTUGAL	43	6	38	87
SUÍÇA	39	7 -		45
RÚSSIA,				
GEÓRGIA,				
LETÔNIA,				
LITUÂNIA,				
USBEQUISTÃO,				
TAJIQUISTÃO,				
TURCOMENISTÃO,				
UCRÂNIA,	-		15	15

ANGOLA	10 -		3	13
OUTROS PAÍSES	10 -	-		10
CORÉIA DO				
NORTE, CORÉIA				
DO SUL	-	-	42	42
ÍNDIA	-	-	62	62
ISRAEL	11 -	-		11
JAPÃO	856	36	56	948
LÍBANO	-	-	10	10
AUSTRÁLIA	10 -		21	31
OUTROS PAÍSES	-	-	4	4
PAÍS				
ESTRANGEIRO				
SEM				
ESPECIFICAÇÃO	40	12	82	134
BRANCO	2591933	291	567	2592792
Total	21044226	11036	18706	21073967

Guajará-Mirim	1077	-	-	-	-	88	-	-	1165
Itapuã do Oeste	6	-	-	-	-	-	-	-	6
Jaru	-	-	-	-	-	14	-	-	14
Ji-Paraná	20	-	-	-	-	-	-	-	20
Machadinho D'Oeste	18	-	-	-	-	-	-	-	18
Ministro Andreazza	4	-	-	-	-	-	-	-	4
Nova Mamoré	42	-	-	-	-	-	-	-	42
Pimenteiras do Oeste	32	-	-	-	-	-	-	-	32
Porto Velho	583	54	9	-	-	120	-	28	794
Rolim de Moura	13	-	-	-	-	-	-	-	13
São Miguel do Guaporé	13	-	-	-	-	-	-	-	13
Seringueiras	10	-	-	-	-	-	-	-	10
Vale do Anari	4	-	-	-	-	-	-	-	4
Vilhena	14	-	-	-	-	30	-	-	44
Total	2353	54	9	-	-	262	-	28	2707

Acre	BOLIVIA	COLOMBIA	EQUADOR	GUIANA	GUIANA FRANCESA	PERU	SURINAME	VENEZUELA	Total
Acrelândia	42	-	-	-	-	-	-	-	42
Assis Brasil	1	-	-	-	-	105	-	-	106
Brasiléia	40	-	-	-	-	6	-	-	46
Bujari	13	-	-	-	-	-	-	-	13
Capixaba	6	-	-	-	-	-	-	-	6
Cruzeiro do Sul	-	-	-	-	-	37	-	-	37
Epitaciolândia	213	6	-	-	-	13	-	-	232
Feijó	-	-	-	-	-	15	-	-	15

Mâncio Lima	8	-	-	-	-	5	-	-	13
Marechal Thaumaturgo	-	-	-	-	-	4	-	-	4
Plácido de Castro	80	-	-	-	-	12	-	-	92
Porto Acre	14	-	-	-	-	-	-	-	14
Porto Walter	-	-	-	-	-	5	-	-	5
Rio Branco	507	19	-	-	-	207	-	-	732
Rodrigues Alves	4	-	-	-	-	35	-	-	39
Santa Rosa do Purus	-	-	-	-	-	8	-	-	8
Sena Madureira	20	-	-	-	-	48	-	-	68
Senador Guiomard	37	-	-	-	-	7	-	-	44
Xapuri	24	-	-	-	-	5	-	-	29
Total	1010	24	-	-	-	510	-	-	1544

Amazonas	BOLIVIA	COLOMBIA	EQUADOR	GUIANA	GUIANA FRANCESA	PERU	SURINAME	VENEZUELA	Total
Alvarães	-	-	-	-	-	15	-	-	15
Amaturá	-	3	-	-	-	11	-	-	13
Anori	-	-	-	-	-	3	-	-	3
Apuí	1	-	-	-	-	-	-	-	1
Atalaia do Norte	-	-	-	-	-	63	-	-	63
Barcelos	-	16	-	-	-	-	-	-	16
Benjamin Constant	-	22	-	-	-	298	-	-	320
Beruri	6	-	-	-	-	6	-	-	12
Boca do Acre	-	-	-	-	-	10	-	-	10
Carauari	-	-	-	-	-	9	-	-	9
Careiro	-	-	-	-	-	6	-	-	6
Coari	-	-	-	-	-	23	-	-	23
Fonte Boa	-	-	-	-	-	19	-	-	19
Ipixuna	-	-	-	-	-	8	-	-	8
Irlanduba	-	-	-	-	-	33	-	-	33
Itacoatiara	-	6	-	-	-	18	-	-	25
Japurá	-	-	-	-	-	2	-	-	2
Juruá	-	-	-	-	-	6	-	-	6
Jutai	-	-	-	-	-	70	-	-	70

Manacapuru	-	9	-	-	-	10	-	-	19
Manaus	100	349	42	97	74	1133	-	235	2030
Maués	-	-	-	-	-	9	-	-	9
Novo Airão	-	-	-	-	-	66	-	-	66
Parintins	-	-	-	-	-	12	-	-	12
Presidente Figueiredo	5	8	-	-	-	28	-	-	41
Santa Isabel do Rio Negro	-	8	-	-	-	-	-	5	13
Santo Antônio do Içá	-	39	-	-	-	40	-	-	79
São Gabriel da Cachoeira	-	42	-	-	-	11	-	5	59
São Paulo de Olivença	-	-	-	-	-	161	-	-	161
Tabatinga	-	542	-	-	-	768	-	-	1310
Tefé	-	14	-	-	-	13	-	9	35
Tonantins	-	-	-	-	-	10	-	-	10
Uarini	-	4	-	-	-	6	-	-	11
Urucará	-	-	-	-	-	8	-	-	8
Total	113	1063	42	97	74	2874	-	253	4516

Roraima	GUIANA								Total
	BOLIVIA	COLOMBIA	EQUADOR	GUIANA	FRANCESA	PERU	SURINAME	VENEZUELA	
Alto Alegre	-	13	-	59	-	-	-	14	86
Amajari	-	-	-	37	-	-	-	55	92
Boa Vista	10	-	-	804	12	110	-	266	1202
Bonfim	-	-	-	230	-	-	-	-	230
Cantá	-	-	-	34	-	-	-	5	39
Caracaraí	-	-	-	10	-	4	-	10	24
Caroebe	-	-	-	5	-	-	-	4	9
Iracema	-	-	-	9	-	-	-	-	9
Mucajaí	-	20	-	41	-	-	-	7	68
Normandia	-	-	-	10	-	-	-	-	10
Pacaraima	-	4	-	57	-	-	-	79	140

Vitória do Xingu	-		5 -		5		7 -		14 -		30
Total		127	95 -		63		84 190		110		47 716
Amapá		BOLIVIA	COLOMBIA	EQUADOR	GUIANA	GUIANA FRANCESA	PERU	SURINAME	VENEZUELA		Total
Amapá	-	-	-	-	-		11 -	-	-		11
Cutias	-	-	-	-	-		5 -	-	-		5
Ferreira Gomes	-	-	-	-	-		20 -	-	-		20
Laranjal do Jari	-	-	-	-	-			10 -	-		10
Macapá	-	-	-	-	-		277	12 -	-		289
Oiapoque	-	-	-	-	-		41 -	-	-		41
Santana	-		10 -	-	-		29	23 -	-		61
Tartarugalzinho	-	-	-	-	-		27 -	-	-		27
Total	-		10 -	-	-		410	45 -	-		464
Tocantins		BOLIVIA	COLOMBIA	EQUADOR	GUIANA	GUIANA FRANCESA	PERU	SURINAME	VENEZUELA		Total
Araguatins	-		12 -	-	-	-	-	-	-		12
Cristalândia	-	-	-	-	-	-	-		4 -		4
Miracema do Tocantins		34 -	-	-	-	-	-	-	-		34
Natividade	-	-	-	-	-	-	-	-		4	4
Palmas		8 -		17 -	-	-	11 -	-	-		36
Total		42	12	17 -	-	-	11		4		4 91
Maranhão		BOLIVIA	COLOMBIA	EQUADOR	GUIANA	GUIANA FRANCESA	PERU	SURINAME	VENEZUELA		Total
Bom Jardim		10 -		10 -	-		4 -	-		19	43
Paulino Neves	-	-	-	-	-		4 -	-	-		4
Pio XII	-	-	-	-	-		-	-		8	8
Santo Antônio dos Lopes	-	-	-	-	-		-	-		10	10
São Luís	-	-	-	-	-		7 -	-	-		7
Total		10 -		10 -	-		8	7 -		37	73

Pontes e Lacerda	44	-	-	-	-	-	-	-	44
Porto Esperidião	26	-	-	-	-	-	-	-	26
Primavera do Leste	7	-	-	-	-	-	-	-	7
Rondonópolis	18	-	-	-	-	-	-	-	18
Rosário Oeste	6	-	-	-	-	-	-	-	6
Santo Antônio do Leverger	8	-	-	-	-	-	-	-	8
Sapezal	-	7	-	-	-	-	-	-	7
Sinop	11	-	-	-	-	-	-	-	11
Tangará da Serra	-	11	-	-	-	-	-	-	11
Tesouro	-	-	3	-	-	-	-	-	3
Torixoréu	-	4	-	-	-	-	-	-	4
Várzea Grande	59	-	-	10	-	9	-	-	79
Vila Bela da Santíssima Trindade	24	-	-	-	-	-	-	-	24
Total	888	56	21	14	-	42	-	4	1025
Total	4554	1375	100	1486	587	4059	114	837	13113

Ignorado : 21060853,9

ANEXO V

Tabulações cedidas pelo Prof.Dr. Alberto Jakob

Tabela 1: Imigrantes internacionais na Amazônia Legal em 2010 segundo local de nascimento

Migrantes acumulados			Migrantes dos últimos 10 anos		
Local	Volume	%	Local	Volume	%
BOLÍVIA	5.314	15,99	PERU	3.034	16,96
PERU	5.080	15,28	BOLÍVIA	2.522	14,10
PARAGUAI	2.867	8,63	PARAGUAI	1.587	8,87
PORTUGAL	2.464	7,41	COLÔMBIA	1.298	7,26
JAPÃO	2.412	7,26	ESTADOS UNIDOS	1.183	6,61
COLÔMBIA	2.219	6,68	PORTUGAL	861	4,81
GUIANA	1.790	5,38	JAPÃO	751	4,20
ESTADOS UNIDOS	1.444	4,35	ESPAÑA	699	3,91
ESPAÑA	1.006	3,03	GUIANA	687	3,84
ITÁLIA	932	2,80	ITÁLIA	470	2,62
FRANÇA	688	2,07	FRANÇA	455	2,54
GUIANA FRANCESA	671	2,02	GUIANA FRANCESA	441	2,46
VENEZUELA	623	1,88	VENEZUELA	433	2,42
ALEMANHA	605	1,82	Outros países Europa	373	2,08
ARGENTINA	537	1,62	CUBA	332	1,86
Outros países Europa	440	1,32	ARGENTINA	331	1,85
CUBA	429	1,29	ALEMANHA	317	1,77
Outros países Ásia	409	1,23	MÉXICO	215	1,20
CHINA	384	1,16	Outros países África	204	1,14
CHILE	363	1,09	SURINAME	202	1,13
LÍBANO	234	0,70	Outros países América	190	1,06
SURINAME	222	0,67	Outros países Ásia	154	0,86
MÉXICO	215	0,65	CHINA	130	0,73
URUGUAI	210	0,63	URUGUAI	130	0,73
Outros países América	191	0,58	REPÚBLICA DA COREIA	125	0,70
ÍNDIA	173	0,52	CANADÁ	124	0,69
REPÚBLICA DA COREIA	168	0,51	GRÃ-BRETANHA	116	0,65
Outros países África	157	0,47	CABO VERDE	115	0,64
HOLANDA	142	0,43	LÍBANO	112	0,63
ANGOLA	138	0,41	COSTA DO MARFIM	109	0,61
CANADÁ	132	0,40	GUINÉ BISSAU	106	0,59
Não Sabe/ Ignorado	126	0,38	Não sabe/ Ignorado	84	0,47
GRÃ-BRETANHA	120	0,36	Total	17.892	100
CABO VERDE	115	0,35			
GUINÉ BISSAU	112	0,34			
COSTA DO MARFIM	109	0,33			
Total	33.241	100			

Tabela 2: Imigrantes internacionais na Amazônia Legal com menos de 10 anos de residência no município em 2010 segundo país ou UF de residência anterior

País de residência anterior			UF de residência anterior		
Local	Volume	%	Local	Volume	%
PERU	2.302	21,12	MATO GROSSO	963	17,44
BOLÍVIA	1.166	10,70	AMAZONAS	713	12,91
COLÔMBIA	1.140	10,46	PARÁ	587	10,63
ESTADOS UNIDOS	871	7,99	RÔN DONIA	469	8,49
PORTUGAL	671	6,16	Não sabe/ Ignorado	386	6,98
GUIANA	468	4,29	PARANÁ	370	6,70
ESPANHA	443	4,06	SÃO PAULO	347	6,29
GUIANA FRANCESA	396	3,64	RORAIMA	259	4,69
JAPÃO	321	2,94	ACRE	233	4,22
VENEZUELA	321	2,94	GOIÁS	192	3,48
FRANÇA	302	2,77	MATO GROSSO DO SUL	152	2,75
Outros países América	282	2,58	RIO DE JANEIRO	143	2,58
Outros países Europa	269	2,47	MINAS GERAIS	117	2,12
ITÁLIA	239	2,19	MARANHÃO	103	1,87
CUBA	225	2,06	AMAPÁ	99	1,78
SURINAME	188	1,73	TOCANTINS	93	1,68
ALEMANHA	183	1,68	RIO GRANDE DO SUL	65	1,17
Outros países Ásia	171	1,57	CEARÁ	53	0,95
Outros países África	166	1,53	BAHIA	52	0,93
MÉXICO	162	1,48	PIAUI	36	0,66
PARAGUAI	147	1,35	SANTA CATARINA	35	0,63
CABO VERDE	126	1,16	DISTRITO FEDERAL	24	0,43
REPÚBLICA DA COREIA	125	1,14	PERNAMBUCO	18	0,33
GRÃ-BRETANHA	105	0,97	SERGIPE	6	0,12
Não sabe/ Ignorado	102	0,93	ESPÍRITO SANTO	4	0,07
PAPUA NOVA GUINÉ	10	0,09	PARAÍBA	4	0,07
Total	10.900	100	Total	5.523	100

Tabela 3: Imigrantes internacionais na Amazônia Legal em 2010 segundo país ou UF de residência em 2005

País de residência em 2005			UF de residência anterior		
Local	Volume	%	Local	Volume	%
PERU	1.201	16,96	AMAZONAS	1.462	29,09
BOLÍVIA	1.072	15,14	MATO GROSSO	711	14,14
COLÔMBIA	698	9,85	PARÁ	615	12,24
ESTADOS UNIDOS	559	7,89	RÔNDOIA	470	9,36
JAPÃO	356	5,02	RORAIMA	293	5,82
PORTUGAL	348	4,92	ACRE	214	4,26
GUIANA	271	3,83	SÃO PAULO	200	3,98
PARAGUAI	253	3,58	MARANHÃO	189	3,77
Outros países África	240	3,39	PARANÁ	176	3,51
Outros países América	231	3,25	RIO DE JANEIRO	121	2,40
FRANÇA	211	2,98	AMAPÁ	111	2,21
GUIANA FRANCESA	180	2,54	TOCANTINS	100	1,99
Outros países Europa	171	2,41	MATO GROSSO DO SUL	70	1,39
VENEZUELA	170	2,39	MINAS GERAIS	68	1,35
ALEMANHA	152	2,14	GOIÁS	39	0,78
ITÁLIA	145	2,05	Não sabe/ Ignorado	39	0,77
ESPANHA	137	1,93	BAHIA	35	0,69
ARGENTINA	132	1,87	RIO GRANDE DO SUL	33	0,67
CABO VERDE	126	1,78	SANTA CATARINA	31	0,62
Outros países Ásia	125	1,77	DISTRITO FEDERAL	31	0,61
MÉXICO	125	1,76	PIAUI	14	0,28
CUBA	124	1,75	ESPÍRITO SANTO	4	0,08
Não sabe/ Ignorado	56	0,80	Total	5.026	100
Total	7.084	100			

Tabela 4: Municípios de destino na Amazônia Legal em 2010 segundo os principais países de origem dos imigrantes em 2005**Peru**

Município	Volume	%
Tabatinga (AM)	348	28,97
Benjamin Constant (AM)	191	15,91
Manaus (AM)	173	14,42
Rio Branco (AC)	91	7,57
Boa Vista (RR)	53	4,38
Atalaia do Norte (AM)	49	4,07
Manacapuru (AM)	31	2,58
Assis Brasil (AC)	30	2,46
Nova Brasilândia D'Oeste (RO)	24	1,98
São Paulo de Olivença (AM)	21	1,75
Fonte Boa (AM)	18	1,52
Ananindeua (PA)	17	1,42
Rolim de Moura (RO)	17	1,41
Belém (PA)	17	1,39
Jutaí (AM)	16	1,32
Amaturá (AM)	16	1,31
Colorado do Oeste (RO)	15	1,24
Caracaraí (RR)	15	1,24
Mâncio Lima (AC)	14	1,16
Porto Velho (RO)	13	1,09
Lábrea (AM)	13	1,09
Cruzeiro do Sul (AC)	10	0,87
Taguatinga (TO)	5	0,40
Santa Rosa do Purus (AC)	3	0,24
Tesouro (MT)	2	0,20
Total	1.202	100

Colômbia

Município	Volume	%
Tabatinga (AM)	395	56,59
São Gabriel da Cachoeira (AM)	101	14,54
Manaus (AM)	65	9,33
Rio Branco (AC)	33	4,76
Atalaia do Norte (AM)	23	3,24
Manacapuru (AM)	22	3,12
São Luís (MA)	19	2,71
Alenquer (PA)	11	1,61
Boa Vista (RR)	10	1,50
Jutaí (AM)	10	1,49
Tefé (AM)	8	1,11
Total	698	100

Bolívia

Município	Volume	%
Cáceres (MT)	133	12,43
Manaus (AM)	119	11,12
Epitaciolândia (AC)	117	10,88
Guajará-Mirim (RO)	115	10,72
Porto Velho (RO)	101	9,39
Vila Bela da Santíssima Trindade (MT)	57	5,29
Rondonópolis (MT)	50	4,66
Rio Branco (AC)	43	4,01
Vilhena (RO)	36	3,36
Nova Mamoré (RO)	34	3,16
Aripuanã (MT)	25	2,33
Senador Guiomard (AC)	25	2,30
Barra do Bugres (MT)	21	1,92
Belém (PA)	19	1,76
Várzea Grande (MT)	19	1,75
Jauru (MT)	16	1,52
Pontes e Lacerda (MT)	16	1,48
Pimenteiras do Oeste (RO)	15	1,41
Jaru (RO)	14	1,29
Água Boa (MT)	12	1,10
Cerejeiras (RO)	12	1,09
Costa Marques (RO)	11	1,05
Gurupi (TO)	11	0,99
Itacoatiara (AM)	10	0,95
Boca do Acre (AM)	9	0,80
Ariquemes (RO)	8	0,74
Santarém (PA)	7	0,67
Novo Aripuanã (AM)	6	0,56
São José dos Quatro Marcos (MT)	5	0,46
Canarana (MT)	5	0,43
Salto do Céu (MT)	4	0,37
Total	1.072	100

Tabela 5: Idade média, idade mediana e participação masculina dos migrantes da Amazônia Legal segundo países de origem no período 2005-2010

Idade	Peru	Bolívia	Colômbia
Média (anos)	29,0	25,0	29,6
Mediana (anos)	25,0	23,0	27,0
% Homens	62,2	54,1	57,5

Tabela 6: Porcentagem de migrantes com destino à Amazônia Legal, no período 2005-2010, maiores de 14 anos de idade, dos principais países de origem, segundo nível de instrução

Nível de Instrução	Peru	Bolívia	Colômbia
Sem instrução e fundamental incompleto	29,1	30,6	41,6
Fundamental completo e médio incompleto	18,0	20,4	17,5
Médio completo e superior incompleto	35,7	27,4	30,3
Superior completo	17,1	21,6	10,6
Total	1.108	819	572

Valores Absolutos

Nível de Instrução	Peru	Bolívia	Colômbia
Sem instrução e fundamental incompleto	322	251	238
Fundamental completo e médio incompleto	200	167	100
Médio completo e superior incompleto	396	225	173
Superior completo	190	177	61
Total	1.108	819	572

Tabela 7: Porcentagem de migrantes com destino à Amazônia Legal, no período 2005-2010, chefes de família ou indivíduos sozinhos, dos principais países de origem, segundo renda mensal em salários mínimos

Renda (SM)	Peru	Bolívia	Colômbia
Sem Renda	34,3	34,2	45,6
+0 a 2	65,7	43,7	54,4
+2 a 5	0,0	7,3	0,0
+5 a 10	0,0	7,6	0,0
+10 a 20	0,0	7,2	0,0
Total	302	273	216

Valores Absolutos

Renda (SM)	Peru	Bolívia	Colômbia
Sem Renda	104	93	98
+0 a 2	199	119	117
+2 a 5	0	20	0
+5 a 10	0	21	0
+10 a 20	0	20	0
Total	302	273	216

Tabela 8: Porcentagem de migrantes com destino à Amazônia Legal, no período 2005-2010,

chefes de família ou indivíduos sozinhos, economicamente ativos, dos principais países de origem, segundo posição na ocupação

Posição na ocupação	Peru	Bolívia	Colômbia
Trabalho não remunerado (plantação, criação, pesca)	10,0	4,4	9,0
Empregado com carteira de trabalho assinada	7,7	27,0	7,5
Empregado pelo regime jurídico dos funcionários públicos	22,3	0,0	0,0
Empregado sem carteira de trabalho assinada	60,0	42,5	19,1
Conta Própria	0,0	26,0	64,4
Total	221	179	106

Valores Absolutos

Posição na ocupação	Peru	Bolívia	Colômbia
Branco	22	8	10
Empregado com carteira de trabalho assinada	17	48	8
Empregado pelo regime jurídico dos funcionários públicos	49	0	0
Empregado sem carteira de trabalho assinada	132	76	20
Conta Própria	0	47	68
Total	221	179	106